



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCA/E)
Departamento de Ciências Sociais

DANILO ALEX MARQUES DE FARIAS

**IMAGENS E MEMÓRIAS NA CIDADE DE RIO TINTO – PARAÍBA:
um percurso etnográfico entre ruas, fotografias e lembranças**

Rio Tinto
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCA/E)
Departamento de Ciências Sociais

DANILO ALEX MARQUES DE FARIAS

**IMAGENS E MEMÓRIAS NA CIDADE DE RIO TINTO – PARAÍBA: um
percurso etnográfico entre ruas, fotografias e lembranças**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba, campus IV, em cumprimento às exigências para a conclusão de curso e recebimento do título de Bacharel em Antropologia - habilitação Antropologia visual.

Orientador:

Prof. João Martinho Braga de Mendonça.

Rio Tinto
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

CANDIDATO:

DANILO ALEX MARQUES DE FARIAS

TÍTULO:

**IMAGENS E MÉMÓRIAS NA CIDADE DE RIO TINTO – PARAÍBA: um percurso
etnográfico entre ruas, fotografias e lembranças**

Prof. Dr. João Martinho Braga de Mendonça
Departamento de Ciências Sociais – UFPB – Campus IV
(Orientador)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
Departamento de Ciências Sociais – UFPB – Campus IV
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Paraíba por ter me possibilitado tornar-se um profissional em uma área de conhecimento tão encantadora.

Ao corpo docente do Curso de Antropologia que me acompanhou e me auxiliou nesse percurso.

Ao meu orientador João Martinho Braga de Mendonça por toda atenção, paciência, exigência e incentivo.

Ao CNPq pelo apoio dado à nossa pesquisa na forma de bolsa de iniciação científica nos anos de 2010, 2011 e 2012.

Ao meu Pai José Aneildo da Cruz Marques por ter financiado minhas necessidades básicas enquanto estive me dedicando ao curso. À minha mãe Luzinete da Cunha Farias por ter ficado sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis de minha vida.

Às minhas Avós, Noêmia da Cruz Marques e Antônia da Cunha Farias por todo amor que me dedicam ao longo de mais de duas décadas. Ao meu tio Marcelo da Cunha Farias, minhas tias Anelgia da Cruz Marques e Aneilda da Cruz Marques por sempre terem me indicado aos caminhos mais produtivos.

Obrigado Maria Aparecida e sua irmã Clotilde, vocês são pessoas as quais desejaria imensamente que fossem eternas!

A todos os moradores da rua das Flores, em especial aqueles que me receberam em suas casas, me acolheram e se transformaram em verdadeiros parceiros nesse trabalho.

Por fim quero agradecer a todos os meus colegas de Curso, que compartilharam momentos inesquecíveis em minha história de vida. Grato sou por ter amigos como vocês, Paulo Ricardo, Geraldo Júnior, Mércia Lima, Ericka Aparecida, Carla Priscila, Laís de Lima, Luciana Souza e Viviane Martins.

Sumário

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	10
CAPÍTULO 2: ANALISANDO FOTOS ANTIGAS DE RIO TINTO.....	19
CAPÍTULO 3: LITERATURA SOBRE RIO TINTO	29
As crônicas do “Batistinha”	29
Raul de Góes e os Lundgren	31
Rio Tinto em pesquisas acadêmicas.....	33
O Rio Tinto dos livros e suas imagens	34
CAPÍTULO 4: A RUA DAS FLORES.....	36
A coleta de dados na Rua das Flores	39
Reflexões com imagens da exposição e dos acervos familiares	47
CONCLUSÕES.....	55
APÊNDICE	59
1. Tabelas com dados da exposição comemorativa.....	59
Tabela 1.1 Organização geral dos dados analisados	59
Tabela 1.2 Identificação de pessoas através das legendas	60
Tabela 1.3 Identificação de eventos e edificações através das legendas	61
2. Acervos particulares das famílias	62
3. Memorial das captações (áudio e vídeo)	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

LISTA DE IMAGENS

Fotos

DVD

RESUMO

Esse trabalho é resultado da combinação de diferentes métodos de pesquisa antropológica, aqui articulados com a finalidade de desenvolver uma reflexão sobre as

memórias e as imagens que atualmente circulam na cidade de Rio Tinto-PB. Como vias privilegiadas de expressão de memórias coletivas, foram reunidas e analisadas diversas imagens fotográficas e depoimentos orais, no sentido de perceber e entender melhor quais seriam os principais fatores presentes no desenvolvimento histórico e sócio-cultural deste município. Uma exposição fotográfica promovida pela prefeitura e intitulada “50 anos de história e tradição em Rio Tinto - PB” serviu como ponto de partida para incursões etnográficas entre moradores de uma das ruas mais antigas da cidade. Nestes percursos foram levantadas fotografias familiares, genealogias bem como relatos motivados pelas fotografias antigas da exposição supra-referida. Destes encontros com os moradores surgiram diferentes situações e lembranças, as quais permitem constituir uma série de questionamentos acerca da “história” e das “tradições” locais, tanto quanto revelam aspectos do cotidiano comum e da vida das famílias que há várias décadas habitam as casas da Rua das Flores. Têm-se, assim, uma contribuição etnográfica (ancorada nos pontos de vista dos riotintenses) para a compreensão de aspectos históricos e sócio-culturais do litoral norte da Paraíba.

Palavras-chave: fotografias; memórias; antropologia visual; etnografia; Rio Tinto

ABSTRACT

Memory and images in the city of Rio Tinto – PB : An ethnographic way between streets, pictures and remembrances

This work is a result of different anthropological research methods combined to offer reflections on memories and images that take part of those who live in Rio Tinto nowadays. As they are really expressions of collective memories, pictures and oral testimonies were gathered and analysed so as to better notice and understand which the major present topics on historical and socio-cultural development would be. A photographic exhibition organized by the Town Hall entitled “Fifty years of history and tradition in the city of Rio Tinto – PB” was the start point for ethnographic paths between dwellers of one of the most ancient streets of this city. Along these paths family photos, genealogies as well as oral accounts motivated by the old pictures of the mentioned exhibition were collected. As a result of these meetings with the dwellers, different situations and memories emerged which allow not only to make questions about local history and traditions, but also reveal aspects of common daily life on the “Rua das Flores” and the way of living of the old families who lived there. Therefore, an ethnographic contribution (based on the points of view of the dwellers) to understand the historical and socio-cultural aspects of the northeast of Paraíba was provided.

Key-words: photography; memory; visual anthropology; ethnography; Rio Tinto

INTRODUÇÃO

De uma forma simples, podemos pensar que no século XIX temos a época que fez surgir elementos de base que proporcionam o surgimento da área de estudos hoje conhecida como Antropologia Visual. Isto ocorreu concomitantemente a um notável desenvolvimento urbano e industrial nas principais cidades européias e norteamericanas. Paralelamente ao surgimento do aparelho fotográfico, o século XIX acompanha, pois, uma alteração fundamental nas formas de organização humana: é o surgimento das cidades modernas e sua transformação em grandes metrópoles.

De acordo com o texto *A modernidade fotográfica* (ROUILLÉ, 2009) em 1839 o aparelho fotográfico, fruto da invenção de Niépce-Daguerre, era parte inerente da revolução industrial:

“Os lugares, as datas, os usos, os dispositivos, os fatos: tudo comprova que a invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial nascente. Foi ela que assegurou as condições de seu aparecimento, que permitiu seu desdobramento, que a modelou, que se serviu dela.” (ROUILLÉ,2009).

Como resultados do “entrelaçamento” da câmera fotográfica e do modo de vida citadino têm-se as primeiras imagens em fotos de monumentos arquitetônicos e das paisagens das cidades. Na América do Sul a primeira cidade a ser fotografada foi o Rio de Janeiro em 1840, pouco depois ainda no Brasil foram cenários as cidades de Salvador, Belém e Recife. Progressivamente o uso da fotografia disseminou-se por todas as cidades brasileiras, seus avanços tecnológicos acompanharam, por sua vez, o desenvolvimento urbano e os novos estilos de vida surgidos a partir do século XX.

O ponto de partida desta pesquisa reside num conjunto de fotografias antigas que serviu, retrospectivamente, para representar o desenvolvimento urbano e industrial da pequena cidade de Rio Tinto. Este desenvolvimento é localmente pensado em termos de uma “história e tradição”, marcados pela presença de uma família sueca, responsável pelas atividades industriais que impulsionaram o crescimento e a emancipação de Rio Tinto como município. Tais fotografias históricas, que retratam diversos aspectos da

cultura local em diferentes épocas, constituem para nós as fontes primárias de reflexão sobre possibilidades de constituição de uma memória visual coletiva.

Através de diferentes perspectivas integradas (técnicas de história oral, elicitación por imagens, observação participante, genealogias, etc.) o trabalho caminhou no sentido de uma aproximação etnográfica com os moradores de uma das primeiras ruas da cidade: a Rua das Flores. O diálogo e a busca de imagens fotográficas com as famílias residentes nesta rua constituiu um segundo momento da pesquisa. Estas pessoas são, portanto, as principais (embora não únicas) interlocutoras para a reflexão que procuramos elaborar, a saber: como diferentes memórias e imagens podem ser articuladas numa compreensão mais ampla dos processos sócio-culturais que conformaram a “história e a tradição” locais?

No primeiro capítulo apresento as principais noções e conceituações teórico-metodológicas que serviram de fundamento para o trabalho de pesquisa. No segundo demonstro os meios que foram usados para coleta de dados fotográficos, genealógicos e outros, além de expor algumas análises em torno do material fotográfico da exposição “50 anos de história e tradição em Rio Tinto – PB”. Na terceira parte apresento, através de uma descrição geral, a rua das flores, suas moradas e moradores. Por fim, exponho os resultados do levantamento fotográfico e de memória feito com os habitantes dessa rua.

CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O que é chamado de “antropologia visual” desde os anos 60 (Collier Jr., 1967) nada mais é do que o desenvolvimento dos estudos antropológicos que fazem uso de imagens. Mas isto não ocorreu de forma constante. A Fotografia em pesquisa social, por exemplo, vem sendo experimentada desde seu surgimento, como bem notou Olga Von Simson:

Desde o século XIX, praticamente logo após o invento da fotografia, a nova técnica de fixação da imagem sobre papel começou a ser utilizada pelos estudiosos dos fatos sociais como auxiliar na apresentação dos seus textos de pesquisa. (SIMSON, 1991:16)

Aos poucos, as formas de utilização das fotos em pesquisas sociais foram se ampliando, foi assim que surgiram os estudos fotográficos antropométricos na antropologia. Na sociologia a câmera foi utilizada para capturar e documentar imagetivamente às condições sociais na década de 1930 e na Psicologia têm-se os primeiros experimentos para capturar estados mentais ainda durante o século XIX, além da criação de alguns métodos comparativos baseados em imagens. (BANKS, 2009)

Principalmente até 1915 era normal acompanhar em artigos publicados por europeus e americanos, imagens fotográficas com a mera função de ilustrar e de dar um caráter de veracidade a tais trabalhos. (SIMSON, 1991) Marcus Banks em seu livro *Dados Visuais para pesquisa qualitativa* (2009), também comenta sobre algumas formas iniciais de utilização das fotos em pesquisas sociais:

A fotografia fixa, com sua aparente verossimilhança, foi rapidamente aliada a vários projetos sociológicos e governamentais destinados a objetificar e, algumas vezes, quantificar diferenças entre pessoas isoladas e entre grupos de pessoas. (BANKS, 2009)

De 1915 até aproximadamente 1950, a ciência quase que no geral passou por um processo de valorização das pesquisas quantitativas. Com essa valorização “tabelas, quadros estatísticos e gráficos ocuparam o lugar da fotografia nos relatórios, funcionando assim como a “prova” da veracidade das assertivas finais” (SIMSON, 1991: 17).

O quadro foi virando, e temos a partir de 1975 um retorno aos métodos qualitativos, daí por diante a foto foi se encaixando nas pesquisas novamente e de diferentes formas. Em fins do século XX, se tem como tendência:

Utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, completando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados da realidade e principalmente na devolução dos resultados da pesquisa ao grupo social investigado e a um público mais amplo... (SIMSON, 1991: 17).

Refletindo sobre os inúmeros pontos positivos que a câmera trás para os cientistas sociais, retomo aqui trechos da discussão levantada por José de Souza Martins(2008) sobre como encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia:

Se a fotografia nada acrescenta à precisão da observação sociológica, muito acrescenta à indagação sociológica na medida em que a câmera e a lente permitem ver o que por outros meios não pode ser visto. Ao mesmo tempo ela introduz alterações nos processos interativos, na pluralidade de sentidos que há tanto no lado do fotógrafo quanto no lado do fotografado e do espectador da fotografia...Nesse sentido, a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem. (MARTINS, 2008:36)

Segundo Roland Barthes, a fotografia reproduz o que só ocorre uma vez e repete mecanicamente o que não pode ser repetido existencialmente (BARTHES, 1984). Sendo assim, a mesma possui a capacidade de parar um instante e assim possibilitar a visão várias vezes de uma determinada ação social, ajudando consideravelmente na análise feita pelo antropólogo em momentos posteriores ao campo.

A fotografia auxilia o observador a penetrar e apurar mais os assuntos sociais fotografados. Milton Guran nota que:

(...) a fotografia e a pesquisa de campo se fundiram em um verdadeiro método de investigação, no trabalho de Gregory Bateson e Margaret Mead em Bali, no que toca à fotografia, pode ser considerada a obra fundadora do que hoje se chama antropologia visual. (GURAN,1998).

Edgar Cunha e Andréa Barbosa em *Antropologia e imagem* (2006), também enfatizam a importância de Mead e Bateson. Segundo eles, Margaret Mead e Gregory Bateson foram precursores da antropologia visual com seus trabalhos antropológicos baseados na fotografia. Em especial o livro *Balinese Character* (BATESON e MEAD, 1962), que foi um ambicioso projeto de ambos para o estudo e registros de elementos da comunicação e padrões gestuais e corporais do outro. Para Edgar Cunha e Andréa Barbosa, Mead e Bateson acreditavam na “objetividade” do registro fotográfico e fílmico como suporte para a preservação de registros das expressões visuais e padrões culturais fadados à extinção. (BARBOSA e CUNHA, 2006)

Hoje em dia fotografias históricas ou fotografias antigas, sob as mais diversas condições de preservação, são também materiais pesquisados por antropólogos no sentido da compreensão dos costumes, dos modos de pensar, ver e sentir numa dada sociedade.

Nessa perspectiva, a antropóloga Joanna Scherer discute a fotografia como um documento, focando assim, as imagens fotográficas como dado primário na pesquisa antropológica. Para ela, “em suma, o pesquisador deve encarar a fotografia como um artefato social a fim de entender o processo de interação entre produtor da imagem, o objeto da imagem e o espectador” (SCHERER, 1996: 69).

O “ato de fotografar e fixar o tempo e a época de uma cultura em imagem” que um dia foi exclusividade do fotógrafo, hoje em dia é feito por qualquer cidadão não profissional dessa área. Assim, essas pessoas vão deixando registro de suas trajetórias de vida. A pesquisadora Caroline Paschoal Sotilo nos indica algumas situações através das quais as imagens fotográficas conservam a relação desses cidadãos com o passado e, assim, aliviam a ausência do vivido:

(...) Esses instantes são retomados no momento em que se abrem os álbuns de fotografia, ao ir ao cinema, ou ouvir uma música, são suportes que tornam presente essa ausência, essa transitoriedade. Dentro deste universo, manusear, olhar, recordar essas imagens torna-se um ato ritualístico, sendo este a presentificação de um momento significativo, e que se atualiza no discurso. (SOTILO, 2006)

Na verdade, as lembranças de momentos significativos desde o surgimento da câmera fotográfica encontrou nas impressões imagéticas um aconchego:

(...) podemos dizer que a fotografia se tornou um mecanismo aliviador da memória, pois compartilhamos com ela alguns momentos significativos os quais podemos deixar registrados no papel fotográfico, e sempre que quisermos lembrar de tal fato voltamos a ela. Podemos exemplificar com o fato de que quando viajamos, registramos cada impressão desta experiência, sendo esta impossível de ser armazenada em sua plenitude, mas a fotografia acaba por dar este suporte detalhado destes momentos o qual nossa memória não suportaria. (SOTILO, 2006)

Essa pesquisa partiu do levantamento, análise e reflexão de imagens fotográficas antigas. Utilizá-las como instrumento metodológico fundamental para explorar as memórias de antigos moradores de uma das ruas mais velhas da cidade de Rio Tinto – PB

foi o objetivo inicial, a idéia era descobrir como se inscrevem (oral e visualmente) as memórias de suas experiências passadas na cidade.

A memória aqui será compreendida como lembranças do que já foi vivido, que no geral armazenam-se no pensamento dos indivíduos e que em determinados momentos do presente vem à tona através da oralidade.

Um dos grandes nomes nas pesquisas sobre memória nas ciências sociais é o de Maurice Halbwachs (1877-1945). Tal autor conseguiu ampliar os enfoques desses estudos para além do plano individual, para isso, ele procurou mostrar a incapacidade da memória pertencer unicamente a uma pessoa como se fosse deslocada inteiramente da sociedade.

Michael Pollak na sua vinda ao Brasil em 1987 durante uma conferência no CPDOC do Museu Nacional chama a atenção justamente para esse ponto:

(...) A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992: 2)

Para Halbwachs a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é parte integrante de um grupo, sendo assim, os grupos sociais passaram a ser os construtores de uma memória coletiva. Contudo, a memória individual não deixou de existir, porém, passa a ser apenas uma parte integrante de determinados acontecimentos sociais, ele propõe que:

(...) Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006: 39)

Um dos principais instrumentos metodológicos nesse levantamento de memórias será emprestado da história oral. A mesma já foi alvo de muitas discussões a respeito de suas contribuições e de sua natureza.

Alguns pesquisadores tentam periodizar o surgimento da História Oral com a antiguidade (PEREIRA, 1991), (TREBITSCH, 1994). Nas ciências sociais, só para esclarecer o foco de relacionamento entre essa área e a História Oral, temos como exemplo de utilização, durante 1920 e 1930, os estudos de Thomas e Znaniecki (1918) sobre criminalidade e mudança social.

A pesquisadora Marilda Aparecida de Menezes em um de seus textos sobre esse assunto ressalta a forma no qual os pesquisadores citados no trecho acima se beneficiavam de tal instrumento científico, expondo que eles entendiam a História Oral como uma técnica de pesquisa, que deveria ser complementada com outras, pois mostrava apenas um aspecto parcial da realidade (MENEZES, 2005).

Para Queiróz (1998), a História Oral é entendida como técnica por excelência, em contrapartida, Menezes (2005) já comunga da perspectiva de Trebitsch, que afirma o seguinte:

(...) a História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente, permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram. Não se resume simplesmente a uma técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objeto não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a aversão dos agentes. (TREBITSCH, 1994).

Na mesma linha de pensamento, Verna Alberti sugere uma definição para o conceito discutido:

(...) a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que (...) produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 1990).

Assim como as fotografias, com o crescimento dos métodos quantitativos, os relatos orais foram sendo colocados de lado por um tempo:

(...) Os anos 40 iriam significar praticamente o abandono do uso dos relatos orais, paralelamente à ascensão dos métodos quantitativos que já na década seguinte passariam a predominar nas ciências sociais. (PEREIRA, 1991).

Não demorou muito para que os métodos quantitativos mostrassem suas limitações. Maria Isaura Queiroz aponta que emoções, valores e outros elementos frutos da subjetividade de um pesquisador ficavam escondidos nos dados estatísticos, a certeza de objetividade nos métodos quantitativos passa a ser duramente questionada (QUEIROZ, 1988).

No Brasil, os relatos orais começam a ser incorporados em pesquisas sociais na década de 50, é justamente a época em que tal forma de coletar dados passa por um momento difícil, sendo desprivilegiada.

Desde o reaparecimento dos relatos orais e sua aceitação com grau elevado em pesquisa científica, internacionalmente e nacionalmente nos anos 70, temos até hoje nesse método-fonte-técnica um dos principais aliados na pesquisa sobre memória.

No texto, “Memória, Esquecimento, e Silêncio” (1989), Michael Pollak faz uma argumentação em torno de um caráter potencialmente emblemático em torno da definição de memória coletiva do Habwachs:

(...) Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de "comunidade afetiva". (POLLAK, 1989: 3)

Para Pollak, os pontos de referência que são tidos como indicadores da memória coletiva reforçam os sentimentos de pertencimentos, contudo, o problema não se encontra na definição em si, e sim, na forma que ela é aplicada:

(...) Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva. (POLLAK, 1989: 3).

Em contrapartida à definição de memória coletiva nacional, Michael P. propõe o estudo das memórias subterrâneas:

(...) Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'Memória oficial', no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989).

A proposta de abordagem no estudo de memória que sustenta este trabalho é tributária em parte da noção de "memórias subterrâneas". Nesse sentido em alguns momentos buscou-se mergulhar nas lembranças dos antigos moradores da cidade e descobrir elementos que pertencem à história não oficial da cidade.

Por questão de privacidade e segurança os verdadeiros nomes de todos os colaboradores inclusive o nome da rua em que eles moram foram alterados. Essa decisão foi tomada devido ao medo apresentado por estes habitantes no que se refere às

lembranças ligadas a Companhia de Tecidos Rio Tinto. Um dos motivos deste medo é o fato de que esses moradores ainda vivem nas residências pertencentes aos herdeiros dos Lundgren, família sueca detentora da antiga Companhia de Tecidos.

CAPÍTULO 2: ANALISANDO FOTOS ANTIGAS DE RIO TINTO

A exposição fotográfica intitulada “50 anos de história e tradição em Rio Tinto - PB” foi realizada no dia 2 de dezembro do ano de 2006 como parte das comemorações de 50 anos da emancipação política da cidade. As imagens foram expostas durante estas festividades na praça central de Rio Tinto. Posteriormente, ficaram alocadas num salão contíguo à biblioteca municipal, que funcionava junto à secretaria de cultura do município.

Trata-se de um conjunto de reproduções obtidas a partir do acervo particular do médico e colecionador Antônio Luiz. Tais imagens colecionadas foram reproduzidas e organizadas em parceria com o fotógrafo Hildebrando Domingos. Em 2010 iniciei minha incursão nestas memórias visuais como bolsista de iniciação científica, inserido no âmbito de um projeto de pesquisa concebido pelo orientador e contemplado pelo Edital CNPq 03/2009 (MENDONÇA, 2012).

Sabendo do caráter representativo que a fotografia pode evocar em determinados contextos, concentrei-me num primeiro momento na descrição detalhada dos elementos que compunham meu objeto de análise. Através do conhecimento dos elementos que faziam parte da exposição tais como a quantidade de fotos, principais personagens, acontecimentos, legendas e etc... tinha-se base para trabalhar uma das problemáticas da pesquisa que envolvia a seguinte questão: que história e tradição se enxergavam através daquelas imagens?

Ao todo foram contabilizadas 153 fotos que se distribuíam em cinco painéis retangulares, feitos de madeira e pintados de cor laranja.



Foto 1: Painél 1

O primeiro painel tem 26 fotos distribuídas em três fileiras horizontais, sendo que a primeira fila possui dez imagens, a segunda sete e a terceira nove, as informações descritas a seguir foram obtidas a grande maioria através das legendas contidas nas imagens e outras do meu próprio conhecimento como morador. O sentido de leitura das imagens descritas seguiu aquilo que a própria organização das imagens indicava, como num texto, o movimento do olhar seguindo da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Na primeira fila do mural são expostos vários membros da família Lundgren, responsáveis pela criação e abertura da fábrica de tecidos e conseqüentemente por boa parte das edificações relativas à cidade de Rio Tinto. No painel estão representados respectivamente da esquerda para direita: Herman Lundgren, Ana Elizabeth Lundgren, Frederico João Lundgren, Arthur Lundgren, Guilherme Alberto Lundgren, Herman Lundgren Júnior e Anita Lundgren.

Além da família Lundgren o primeiro painel de fotos exhibe as seguintes imagens: uma referente à inauguração da fábrica que ocorreu em 27/12/1924, e outras relacionadas a construções de propriedades privadas da cidade que aparentemente estariam ligadas diretamente ou indiretamente com a família Lundgren. Como exemplo de uma ligação direta temos a imagem da tijoleira que pertencia à Companhia de Tecidos Rio Tinto

(CTRT), o hospital, o cine-teatro Orion que foi construído em 1944 e o palacete (na foto do palacete consta a data de 1945). Inclusive nesse painel há uma foto registrada depois de um acontecimento singular, tal acontecimento ficou conhecido como “O quebra-quebra” e ocorreu no dia 18/08/1945.

Seis fotos desse primeiro painel representam a presença da religião Cristã que tem sua igreja matriz como símbolo, a mesma foi inaugurada pelo padre Leonardo Crommenacker (informação obtida na legenda) dezanove anos após a abertura da fábrica. Em duas dessas seis fotos que se referem ao tema da religiosidade ressalta-se a grandeza e beleza da igreja matriz. Em uma das imagens não se tem a presença da estátua daquele que é considerado fundador de Rio Tinto, Frederico João Lundgren. A estátua foi posta em 1952, está representada na foto seguinte. Nesse mesmo painel aparecem fotos de duas cartas, sendo uma das cartas relacionada ao engenho Preguiça (área comprada para a instalação da fábrica de tecidos) e outra que mostra a resposta à petição do Pe. Leonardo para a benção da primeira pedra da nova igreja. Desse primeiro painel apenas três fotos não possuem legendas, mas, em compensação a informação imagética contida nas próprias fotografias já me era suficiente para esclarecer inicialmente os assuntos captados.



Foto 2: Painel 2

O segundo painel possui 30 fotos. Nele de uma maneira simples tentei fazer uma breve descrição das imagens uma por uma, começando pela foto que fica na parte superior do painel do lado esquerdo e seguindo em diante para o lado direito, o painel não possui numeração nas fotos. Vou descrevê-las enumerando para facilitar o relato e melhorar a identificação de maneira a facilitar a análise das imagens quando estiver fora do ambiente onde a exposição se encontra. As informações que irei passar são baseadas nas legendas das fotos e algumas em interpretações próprias como morador.

A primeira fotografia mostra o cine-teatro Orion, o qual ficou desativado no ano de 1987 até 2002. A segunda e terceira imagem são uma espécie de cartão postal, datadas de 1948. A segunda mostra uma imagem do cine-teatro e a terceira mostra a entrada da cidade, conhecida pelas altas palmeiras imperiais. Na próxima imagem, moradores estão olhando na parede do cine-teatro Orion algumas opções de filmes que seriam provavelmente exibidos.

A imagem seguinte é um retrato de uma mulher no ano de 1951 ao lado de algo que me parece um painel de fotos, trata-se de uma foto de um painel de fotos dentro de um painel de fotos. Já a sexta e a sétima foto são referentes à fábrica, sendo que a sexta imagem é uma exibição das máquinas industriais e alguns operários e a sétima é uma operária manuseando a máquina, apenas a segunda imagem possui legenda que identifica a pessoa na foto como operaria.

A próxima foto é dos irmãos Arthur e Frederico com o décimo sexto presidente do Brasil, general Eurico Gaspar Dutra. A nona foto mostra homens, mulheres e crianças, todos vestidos formalmente em frente a um estabelecimento denominado lojas Paulistas de tecidos, provavelmente funcionários e seus parentes. A imagem seguinte é na mesma loja, sendo que ela já não se chama “Paulistas” e sim “Pernambucanas”. Nela está uma faixa na qual diz: “Volta á escola, passe antes por aqui”.

Na décima primeira foto estão vários funcionários das lojas paulistas, homens e mulheres trajando roupa hoje considerada “composta”, mulheres de saia até os joelhos e blusas de tecidos, homens usando calças e camisa de linho e de gravata. A imagem seguinte é de funcionários das lojas paulista exibindo tecidos, frutos do trabalho feito pela junção revolucionária de maquinas e homens.

As três fotos seguintes exibem informações importantes sobre o cenário político riointense: na primeira está o primeiro prefeito da cidade Arthur Lundgren recebendo um diploma, na segunda imagem está a primeira mulher a trabalhar na prefeitura, Bety, isso aconteceu em 1956; na terceira está o vice-prefeito e filho de Arthur, Severino Silva. Todas as três possuem legenda direcionando o público da exposição para tais acontecimentos.

A décima sétima foto não contém muita informação, possui uma legenda que diz: “A marinete”, nela estão um homem e uma criança encostados em um automóvel modelo antigo. Eles estão em frente à estátua do fundador da cidade. As duas fotos seguintes exibem “o fundador” Frederico e militares, na primeira ele está com o General Boanerges Lopes de Souza e ambos posam ao lado de um cavalo de raça, a foto foi tirada no município de Paulista e é datada em 21/09/1943; na segunda ele está junto de vários militares e de Arthur Lundgren.

Na vigésima foto estão de volta os operários, agora sem exibirem tecidos ou manuseando máquinas, mas sim, segurando uma faixa em frente da fábrica, com os dizeres: “A Paraíba pode contar conosco. Fabrica de tecidos Rio Tinto”. Essa foto se refere à chegada de novas máquinas para fábrica, essa informação está explícita na legenda feita para a imagem. Na próxima foto estão Eduardo Ferreira e Francisco Gerbasi,(ambos políticos) acompanhados por uma banda de música em um evento não identificado.

A vigésima terceira foto tem cinco homens vestidos de paletó e possui uma legenda com os seguintes dizeres: “Irmãos David arrendaram o Orion em 1965”. Na imagem seguinte está o cine-teatro Orion lotado de expectadores, são imagens que relacionam o mesmo assunto em duas realidades divergentes, uma talvez ao apogeu do cine-teatro com relação aos espectadores e a outra exibe o mesmo sendo arrendado. Vinte e cinco anos depois o cine- teatro orion foi desativado. Um fato que me chamou a atenção é que quase todos os espectadores da segunda imagem vestem roupas com a cor branca. Logo após o retrato do cine-teatro tem uma espécie de cartão postal, agora com uma imagem da Igreja, datada de 1948. Em seguida têm duas fotos que retratam o “progresso”: exibem uma ponte sendo erguida, ao redor dela várias pessoas estão a observando.

A próxima imagem novamente mostra Eduardo Ferreira, sendo que nesta imagem ele está diante de um microfone em uma mesa. Trata-se provavelmente de uma festa, ao seu redor estão várias pessoas sentadas na mesma mesa, homens todos de paletó branco e gravatas, mulheres de vestidos, na parede do salão onde eles estão aparecem as siglas RTTC (Rio Tinto Tênis Club), mais uma vez não é possível saber o que está acontecendo precisamente.

Novamente se tem mais uma imagem relativa à religião, trata-se de uma procissão que leva o cruzeiro para a praça da vitória. Vários fiéis, sendo eles homens, crianças e mulheres estão presentes, notei que vários homens estão com os chapéus nas mãos, em sinal de respeito. A próxima imagem também é de uma procissão, agora do sagrado coração de Jesus, homens carregam a imagem de Jesus. Em volta da imagem duas filas de homens e mulheres em linha reta, eles levam no pescoço uma medalha.

A penúltima foto é de um grupo carnavalesco intitulado “tribo indígena”, liderado por Vicente Elias. Na última, dois homens aparecem escorados em um automóvel antigo, a imagem possui a legenda “A Sopa”.



Foto 3: painél 3

O terceiro Painél possui 34 fotos, que são distribuídas em sete filas posicionadas verticalmente, todas, com exceção da segunda que possui quatro imagens, possuem cinco fotografias. Neste painél procurei descrever as fotos de maneira a compor séries temáticas independentes de como elas estavam organizadas, uma vez que não haviam quaisquer indicações precisas ou elementos imagéticos que sugerissem o sentido de leitura usualmente adotado. Assim, por exemplo, se na primeira fila existe uma imagem referente à política e na sétima fila também eu as descrevi juntas de maneira a formar uma série temática. Além disso, esse terceiro painél possui algumas fotos que abordam assuntos isolados, os quais também descrevi. As informações seguintes foram retiradas das imagens e de legendas que nelas estão.

Três fotos se referem ao período em que a escola do SENAI funcionava na cidade, em uma das fotos estão professores e alunos manuseando máquinas, em outra estão só os alunos posando para o retrato, na terceira estão os alunos do SENAI em um desfile Cívico.

Duas fotos mostram a antiga entrada da cidade, sendo que em uma delas possui o asfalto que dá acesso à cidade de Mamanguape, esse asfalto foi concluído em 13/05/1976, informação essa que é cedida na segunda imagem, pois na primeira não há nenhuma informação disponibilizada.

Em outra parte do painel uma foto retrata um time de futebol de salão, naquela época praticado no Rio Tinto Tênis Club, informação obtida através da legenda. Uma das imagens contidas no painel foi tirada de um ângulo diferenciado das demais, ela provavelmente foi executada por um fotógrafo que estava em algum transporte aéreo, nela pode-se ver quase toda a arquitetura da cidade, galpões da fábrica e também a divisão das ruas feita por árvores. Nesse terceiro painel também estão representados por uma foto homens operando máquinas que resultariam na fabricação de tecidos.

Sete fotos que ficam na parte superior retratam as festividades realizadas na cidade, sendo quatro delas referidas ao carnaval. Uma dessas festas de carnaval foi no ano de 1957 comemorada no RTTC, uma outra no ano de 1958 e duas não são datadas.

Mas essas não são as únicas fotos que remetem às festas, em uma outra parte do painel dois retratos exibem bandas que se apresentam em clubes como RTTC. Outras duas imagens mostram um ambiente social ornamentado para a realização de comemorações festivas, devido à ornamentação de uma nota-se que é uma comemoração de Natal e Ano Novo num caso, ao passo que a outra imagem é de uma antiga festa tradicional, festa do algodão. Tais imagens não possuem legenda. Assim encerram as fotos que foram colocadas no painel e que provisoriamente consideramos relacionadas às festividades na cidade fabril.

Duas outras fotos me fazem imaginar que seriam inaugurações. Em uma delas políticos e moradores posam ao lado de uma placa com os seguintes dizeres “Estádio Comendador Arthur Hermam Lundgren”. Na outra, homens e mulheres cortam um laço, ao lado esquerdo da imagem notei a presença de uma enfermeira no que provavelmente seria a inauguração de um hospital da cidade.

Em outras duas fotos desse mesmo painel voltam as legendas, a primeira é sobre a realização da 19ª vaquejada comemorada no município, a qual ocorreu em 1967. A outra mostra barracas do antigo mercado público. Em ambas as fotos não é possível saber qual a localização em que foi realizada a vaquejada nem onde ficava situado esse antigo

mercado público, muitas outras perguntas surgem na medida em que vou analisando e observando as fotos. Em uma foto que ainda não citei no texto aparece uma mulher enchendo uma lata de água em frente a uma casa, nessa foto tem a seguinte legenda: “O Chafariz”. Quem não tem o conhecimento do que é o chafariz em Rio Tinto não irá entender o que ver, nem compreender qual relação do chafariz com o contexto histórico da cidade.

Ao analisar esta foto a bibliotecária do local onde as fotos estão sendo expostas chegou ao meu lado para ver as fotos também. Perguntei se ela sabia onde ficava o Chafariz, pois eu como morador da cidade tive a curiosidade de saber e nunca vi um chafariz pelas ruas. Ela me contou que ao construir a cidade a família Lundgren mandou colocar um chafariz em cada rua da mesma para o abastecimento de água dos operários, água encanada dentro das residências era privilégio de algumas pessoas que ocupavam cargos de importância maior que a grande maioria dos operários da CTRT. Quando acabou de me falar notei a grande quantidade de informações contida por trás de uma imagem aparentemente simples, está aí e em outros aspectos também a necessidade de pesquisas com antigos moradores que presenciaram tais acontecimentos para enriquecer o conhecimento fotográfico possível a partir desta exposição.



Foto 4: painel 4



Foto 5: painel 5

Os dois últimos murais tentam de uma mesma maneira exibir as mudanças das ruas da cidade comparando uma imagem retirada décadas atrás com outra bem mais recente.

Em um painel estão trinta e sete fotos que descrevi da esquerda para direita começando pela parte superior do painel, nele estão às seguintes ruas representadas: Rua do Patrício, Rua Riachuelo, Rua da Mangueira, Rua São José, Rua Formosa, Rua Superior, Rua da Linha, Rua do Porto, Rua Aristides Lobo, Rua Barão Triunfo, Rua da Aurora, Rua Santa Rita, Rua Nova, Rua da Tijuca, Rua das flores e Praça João Pessoa, todas as imagens antigas são apresentadas como “recuperadas por Antonio Luiz” e são em preto e branco, as mais recentes foram tiradas algumas por Antonio Luiz e a grande maioria por Hildebrando que é um fotógrafo morador de Rio Tinto.

O outro painel que compara a mesma rua em tempos diferentes foi descrito da mesma maneira que o anterior, possui vinte e oito imagens e neles estão as seguintes ruas: Rua da Lira, Rua da carreira, Rua São Pedro, Rua São João, Rua São Paulo, Rua Regina I, Rua Regina II, Rua Asp. Menos Barreto, Rua Paulista, Rua do Catolé, Rua da Concórdia, Rua Rio Branco, Praça Frederico Lundgren e Rua Duque de Caxias, todas as imagens antigas foram recuperadas também pelo Antonio Luiz e as atuais foram em grande maioria registradas por Hildebrando. As Ruas que estão expostas no painel que contém trinta e sete imagens fazem parte do centro da cidade onde fica situado o mercado publico, banco do Brasil, Fórum e etc. As ruas do primeiro painel ficam em uma parte mais elevada geograficamente da cidade, essa área hoje é reconhecida como indígena.

Sobre as imagens desses últimos painéis nota-se que as referências aos autores das fotos já aparece, observei que as ruas sofreram diversas mudanças tais como: nas antigas imagens não existia calçada nas ruas, nas imagens atuais sim. As casas mantém os mesmo estilos aparentemente em ambas as imagens, sendo uma fila de casas de um lado e em frente a ela outra fila, tendo um espaço entre elas que são as ruas, agora com árvores crescidas. As ruas na grande maioria estão com pessoas sentadas em frente às casas e possuem árvores no centro as dividindo, e em várias das imagens antigas dá para ver o chafariz nas ruas. Outra observação é que todas as imagens atuais são coloridas.

Todas as fotografias da exposição encontram-se também exibidas no site www.riotintopb.com.pb. Este site tem como um de seus mantenedoreso principal organizador da exposição, o médico Dr. Antônio Luiz. Na página inicial deste “Portal Rio Tinto” se encontram várias crônicas de colunistas locais, além de um espaço específico para armazenamento de fotos dos mais diversos eventos que ocorrem na cidade.

Neste novo ambiente de exposição várias fotos traziam consigo algumas informações adicionais através das legendas, ou mais completas ou formuladas apenas no site no caso de algumas fotos. Por isso, com intenção de organizar e compreender melhor a exposição de fotos antigas “50 anos de história e tradição de Rio Tinto-PB” é que criei algumas tabelas que sintetizam as principais características desta exposição (ver Apêndice no final desta monografia).

Através dessa organização conseguimos nos aprofundar nas análises em diversos aspectos, como o sentido da visualização da exposição, tipo de plano predominante das imagens em cada painel, temas predominantes, enfoque predominante, quantidade de fotos com legendas e sem legendas, identificação de pessoas, número de fotos com poses individuais etc.(1)

Podemos observar através da tabela 1.0 que das fotos da exposição, 123 possuem legendas ou datas e 27 não têm legendas, sendo que 19 pessoas foram identificadas pelas legendas, 10 pessoas no primeiro painel e apenas 8 no segundo. Notamos que 64% das imagens da exposição possuem o plano geral ou grande plano geral como tipo de plano predominante, sendo os outros 36% plano médio.

O único painel que constitui o enfoque predominante de indivíduos é o primeiro, nele nota-se larga vantagem para retratos dos membros da família Lundgren, por conseqüência temos neste mesmo painel 10 imagens com poses individuais, enquanto que o segundo e o terceiro tem apenas 3 cada e o quarto e o quinto não tem. De um modo geral 64% das imagens da exposição possuem o plano geral ou grande plano geral como tipo de plano predominante, sendo os outros 36% plano médio.

Através das tabelas (2), observamos que o terceiro painel tem uma maior quantidade de eventos festivos quando comparado com os painéis anteriores, já o painel 2 mescla eventos políticos e religiosos, o primeiro painel é o que possui mais datas nas legendas.

Ao todo temos 89 legendas, sendo 44 voltadas para eventos ou edificações da cidade e 29 que indicam pessoas, 16 legendas apontam para outros caminhos, tal como nomes de ruas.

Sobre os nomes das ruas quero deixar claro que nos últimos anos alguns passaram por um processo de alteração, por exemplo, a rua da Flores hoje é rua Florêncio Carvalho, porém, os moradores de toda cidade preferem manter o nome rua das Flores. Na exposição os nomes mantidos foram os mais antigos, facilitando assim o reconhecimento por parte de grande parte do público que foi e são (tendo em vista que a exposição ainda pode ser visualizada na internet) os moradores dessa cidade.

CAPÍTULO 3: LITERATURA SOBRE RIO TINTO

Um pequeno passeio entre crônicas, biografias e trabalhos acadêmicos sobre rio tinto

Paralelamente ao levantamento de fotografias antigas foi feita uma busca voltada para materiais bibliográficos a respeito de Rio Tinto. Os resultados foram dos mais diversos, encontramos, portanto, desde escritos de cronistas à trabalhos mais acadêmicos.

Segue abaixo apenas pequenas informações que foram de interpretações minhas sobre alguns dos livros que serviram de base para elaboração desta monografia, não me deterei nesse trabalho na descrição minuciosa dos conteúdos deles, apresento simples comentários que servirão para o leitor ter uma idéia de alguns livros feitos em torno de Rio Tinto

As crônicas do “Batistinha”

Até onde pude voltar no tempo no que se trata de escritos sobre a cidade de Rio Tinto, esse é o livro mais antigo com informações sobre essa cidade. Em *O extinto Rio Tinto* encontramos os rascunhos de um ex-operário funcionário da Companhia de Tecidos Rio Tinto.

Um homem muito grato ao Frederico João Lundgren, o qual Batistinha como é conhecido o considera como Timoneiro Chefe. Ao mergulharmos em seu livro temos um contato com um homem apaixonado e ao mesmo tempo frustrado com os caminhos tomados pela cidade-fábrica.

Nas lembranças exposta no livro acompanhamos o surgimento da fábrica desde o momento da compra do terreno no qual a mesma iria ser instalada, passando pela ativação e apogeu comercial. O tratamento com a figura do Frederico Lundgren durante todo o livro é em certa medida apologético. Temos em geral um livro que busca descrever uma história, mas que história seria essa? Quais os principais personagens e por que estes merecem tais papéis nesse trabalho?

Bom, no meu entendimento, é uma história centralizada na figura paternalista do Frederico Lundgren, e ramificada em torno de personagens ex-funcionários da CTRT que ocuparam cargos elevados em tal empresa. João Batista Fernandes escreveu dois livros sobre Rio Tinto (FERNANDES, 1971) (FERNANDES, 2000). O segundo especificamente é resultado de inquietações do autor geradas por alguns comentários em torno de seu primeiro livro sobre Rio Tinto.

Para tecer críticas principalmente aos escritos do historiador José Octavio de Arruda Mello, e em menor medida, também ao Raul de Góes e Maria Bernadete, “Bastistinha” foca nos relatos relacionados a fatos e acontecimentos em torno da vida de seu orientador e único empregador de nome Frederico João Lundgren.

Após uma primeira parte um tanto quanto agressiva em torno principalmente dos resultados de pesquisada do historiador citado, o livro *O pai do vento* envereda para a história de vida do Frederico J. L. que é visto pelo autor quase que como um deus, mais especificamente o Deus Cristão, segue abaixo um trecho que acredito confirmar minha afirmação, trata-se de um momento do livro onde João Batista relaciona o surgimento de Rio Tinto ao do mundo:

O surgimento da “vila”, depois “Distrito” e, finalmente município, faz lembrar a criação do mundo conforme se reporta a Bíblia Sagrada; pois Rio Tinto surgiu quase do nada! Sim, Rio Tinto surgiu quase do nada. (FERNANDES, 2000)

O livro nos apresenta um Frederico fundador, um homem inteligente, visionário, uma pessoa extremamente competente, acolhedora e honesta, um verdadeiro desbravador do bem.

As opções políticas de João Batista são extremamente visíveis nas entrelinhas do livro, aqueles que pensavam contrariamente à ideologia progressista propagada pela CTRT e absorvida pelo “rabiscador” de *O pai do vento* eram quase que demonizados, são os ditos comunistas, de acordo com o autor são os verdadeiros responsáveis junto com a morte de Frederico pelo fechamento da fábrica têxtil naquela região.

Por fim, não queria deixar passar em branco as chamadas “reliquias Riotintenses”, contos do conhecimento de “Batistinha” transcritos nos dois livros.

Raul de Góes e os Lundgren

A visão do Raul de Góes sobre a vida de Herman Lundgren e da família Lundgren no nordeste brasileiro

O livro (GÓES, 1973) traça a trajetória do sueco Herman Lundgren no Brasil, em especial na região do Nordeste, onde de acordo com o autor o mesmo foi iniciador do progresso industrial. É uma espécie de biografia que parte da figura patriarcal de Hermam Lundgren e se estende para toda a família.

Com uma visão com grande cunho progressista, Raul de Góes apresenta alguns feitos que partiram da iniciativa deste Sueco em questão como a primeira fábrica de pólvora do Brasil, a fábrica de Paulista apontada como a obra mais trabalhosa e fecunda, e outros feitos que são reflexos de suas iniciativas, mas, já realizados por Frederico Lundgren e Arthur Lundgren como, a criação da Companhia de Tecidos Rio Tinto.

Os capítulos que mais contribuíram para minha revisão bibliográfica foram os que são intitulados da seguinte forma, “Rio Tinto, primeira fase” (ps.125 - 132) e “Rio Tinto, afirmação de coragem” (ps. 133-140)

Na primeira parte temos uma noção de por que e como surgiu a Fábrica de Rio Tinto na região do Litoral Norte paraibano. Com uma década de falecimento do Herman Lundgren coube, de acordo com Raul de Góes, a seus filhos Frederico Lundgren e Arthur Lundgren a ampliação do ramo das indústrias têxteis iniciada com a Fábrica de Tecidos Paulista (nos seus escritos Batistinha contesta essa versão e afirma que se fosse por Arthur a fábrica de tecidos Rio Tinto nunca teria existido).

O objetivo dos irmãos era a construção de um estabelecimento modelar em todos os aspectos, o autor do livro descreve tal feito como uma arriscada experiência social, na qual se tinha por meta a criação da fábrica em local aparentemente extremamente desfavorável, em seguida o erguimento de uma vila operaria e posteriormente se previa o surgimento de uma cidade.

Partindo da forma como o corretor de propriedades da família Lundgren Artur Barbosa de Góes a mandato de Frederico e Arthur, havia conseguido adquirir as terras que hoje compõem a cidade de Rio Tinto, o pequeno capítulo se encerra no momento em que as terras adquiridas já se modificavam em termos de cenário. Em meio ao mato surgiam chaminés e grandes edifícios.

O segundo capítulo mencionado se refere inicialmente ao ano de 1924, momento em que a construção da fábrica estava quase que por completa, além de Companhia de Tecidos, naquelas terras já se tinha neste momento, a primeira vila de casas, uma farmácia, hospital, igreja, grupo escolar, Clube recreativo, hotel, bar e restaurante.

Metade deste capítulo é uma narração dos acontecimentos que envolviam o ano movimentado de 1924 naquela região, até o momento da ativação da fábrica no dia 19 de agosto desse mesmo ano. Daí por diante aparecem os reflexos da experiência econômica dos Lundgren.

Em 1956 temos a emancipação política da já autônoma cidade de Rio Tinto, cuja população já passará os 30.000, com um orçamento três vezes maior do que a da cidade vizinha, Mamanguape. Por fim, o capítulo se envereda na reflexão de como Mamanguape

passou de o maior centro comercial da Paraíba para uma cidade em situação de abandono e logo após a criação de Rio Tinto, ganhou novamente vida.

Rio Tinto em pesquisas acadêmicas

Diferente dos trabalhos anteriormente referidos, este subcapítulo apresenta comentários em torno de algumas obras que se enquadram no gênero acadêmico. Um deles, *Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano* (PANET, 2002) apresenta quatro pesquisas realizadas por quatro pesquisadores diferentes, três deles da área de arquitetura e urbanismo, e um historiador. .

Apesar de diferenças entre olhares, resultado de orientações oriundas de suas áreas de conhecimento, as pesquisas se aproximam e permitem-se ao diálogo graças ao similar interesse dos quatro pesquisadores pelo objeto central das pesquisas, a história urbana da cidade de Rio Tinto.

Nesse livro até aqui mencionado encontramos trabalhos focados nas problemáticas que envolvem o momento fundador da cidade de Rio Tinto. Temos, portanto, a Companhia de Tecidos Rio Tinto como elemento condutor das análises e as problemáticas giram em torno dos motivos que proporcionaram a instalação da fábrica naquela região, a criação de equipamentos de lazer cultural e os reais interesses daqueles que mandaram construí-los.

Dentre os pontos altos das pesquisas, destaco aqui o estudo de variedade tipológica das edificações da cidade realizado por Amélia Panet. A mesma apresenta também a relação das edificações locais com a hierarquia de profissão na fábrica de tecidos.

Outro momento bem relevante do livro são os dados apresentados pelo historiador José Octávio de A. Mello. O mesmo expõe assuntos relativos à hegemonia política e controle social, destacando como a administração da CTRT elaborava mecanismos para obter mão de obra eficiente e regrada, através do controle do tempo do operariado.

O outro trabalho que mencionarei aqui é intitulado como “Tecendo fios, fazendo história: A atuação Operária na Cidade-Fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959 – 1964)” (VALE, 2008). Apesar de ser uma obra datada posteriormente no que se refere a realização da exposição fotográfica problematizada nesta monografia (digo isto, pois, no próximo item buscarei relacionar as imagens da exposição com as dos livros), essa dissertação sobre a atuação operária na cidade de Rio Tinto muito veio a contribuir no desenvolvimento desta pesquisa.

Dos materiais bibliográficos sobre Rio Tinto brevemente comentados até então, esse é o que mais se aproxima daquilo que me propus a fazer. Um dos principais pontos que se assemelha com as problemáticas que busquei levantar, é a contestação por parte do autor no que se refere aos protagonistas históricos de Rio Tinto. Coisa que tal historiador já vem fazendo desde a época de graduação. Como prova disto tem-se sua monografia defendida no ano de 2004 na Universidade Federal de Campina Grande.

Apesar da proximidade no que se refere ao estudo de memória, Eltern enveredase em uma abordagem metodológica macro-estrutural, focando o operariado riotintense, algo bem relevante, e revelador, porém buscarei trilhar pequenos fragmentos a partir da história oral e visual de famílias não necessariamente operárias.

O Rio Tinto dos livros e suas imagens

No livro *Rio Tinto: Estrutura Urbana, Trabalho e Cotidiano*, que é composto por quatro artigos, as fotografias em sua maior parte foram realizadas pelos próprios pesquisadores como é o caso da Amélia Panet, Miriam Panet e Philip Gunn, já as imagens contidas na parte que se refere ao artigo de José Octávio de A. Mello, temos a utilização de imagens antigas já produzidas e pertencentes a arquivos de moradores locais, além disso, na ocasião de uma de suas visitas a Rio Tinto, o autor junto consigo fez questão de trazer um fotógrafo chamado Alex Santos para captar imagens da cidade.

Observando os livros e a estrutura da exposição aqui mencionada, dentre as várias semelhanças e pontos de conexão, notei que o primeiro painel busca representar com imagens o que os livros *O Extinto Rio Tinto*(1971), *O pai do vento*(2000) e *Um sueco emigra para o Nordeste*(1963) descrevem como os elementos fundantes da cidade, pra isso se utiliza de 6 imagens que estão no livro do Raul de Goés, livro que faz um apanhado geral sobre características individuais dos membros da família Lundgren.

Através das análises realizadas, acredita-se que do ponto de vista do realizador da exposição, nada melhor que começá-la apresentando as “figuras ilustres” que representam o momento da fundação e criação da cidade, prosseguindo com as primeiras edificações e outras construções consideradas importantes (tijoleira, palacete, hospital, cine-teatro e etc...)

Na perspectiva e tentativa de construir e consolidar uma história de Rio Tinto, os primeiros escritores (vale salientar que ambos direta ou indiretamente eram ligados à fábrica) elegeram aquilo que era tido a partir de seus preceitos o que era de primeira importância (ou mesmo de importância única) nos acontecimentos que envolvem a vida nessa localidade do Litoral Paraibano. Com isso, é obvio que muitos outros elementos que também compõe a história dessa cidade ficaram de fora.

A exposição fotográfica realizada no ano de 2006 sofre influência clara e segue de fato em vários momentos a linha histórica apresentada pelo Raul de Góes e o Batistinha, e com isso de forma consciente ou não, remonta e reforça uma história cheia de lacunas, focada principalmente na família Lundgren, na Fábrica e suas lojas, em seus primeiros contornos políticos e em menor escala apresenta algumas praticas festivas exercidas pelos desconhecidos moradores/operários.

Saindo do âmbito de exposição da pesquisa, o próximo capítulo se propõe a apresentar o segundo momento deste trabalho, o momento do exercício etnográfico, envolvendo as práticas que compõem o trabalho de campo e seus desafios.

Assim, conheceremos a Rua da Flores, alguns de seus moradores, suas moradias e também suas memórias. Tentaremos descobrir através destes moradores, como os habitantes de Rio Tinto hoje em dia concebe a “história e tradição” da cidade. A questão

principal será descobrir junto aos antigos moradores dessa Rua, em que medida as concepções de história e tradição presentes na exposição e nos livros se encontram nas memórias particulares de famílias desta Rua.

Do grande plano geral encontrado nas fotos dos painéis 4 e 5 da exposição que mostram uma imagem antiga e uma mais atual de cada Rua da cidade, partirei agora para os detalhes da vida de alguns moradores de uma dessas Ruas, e em suas dezenas e centenas de fotos guardadas nas suas casas em álbuns, sacolas, caixas de sapatos e etc.

CAPÍTULO 4: A RUA DAS FLORES

A Rua Florêncio Carvalho (antiga Rua das Flores) assim como as Ruas mais antigas da cidade de Rio Tinto foi construída entre o período de 1920 e 1948 (Góes, 1963). Ela, assim como as outras, surgiu para dar um maior suporte como abrigo e tomar o lugar das palhoças que foram erguidas inicialmente para as primeiras instalações da cidade. Os trabalhadores que vinham para a futura cidade de Rio Tinto eram recrutados dos mais diversos estados do Nordeste (PANET, 2002).

Hoje a Rua das Flores é constituída por 157 casas onde vivem 135 famílias com o total de 420 pessoas (informações obtidas na secretaria de saúde de Rio Tinto - PB). Uma das características que podemos pensar da Rua das Flores passa pela sua característica arquitetônica onde todas as residências possuíam formas idênticas. Dentro da análise feita por Amélia Panet sobre configuração espacial de Rio Tinto, a Rua das Flores se enquadra no que ela chama de tipologia 01, sendo tipologia arquitetônica os diferentes formatos das casas dessa cidade:

A tipologia 01 é a mais encontrada. São casinhas de 60 m², geminadas, com planta comprida, lembrando as casas coloniais. Os telhados são unidos formados por duas águas, com cumeeira paralela ao eixo da Rua. Possuem apenas uma porta e uma janela na frente. (PANET, 2002).

Trata-se de casas conjugadas que simetricamente estão postas em blocos lineares onde ficam moradias do lado esquerdo e ao lado direito, entre esses lados temos o espaço público da Rua, onde transitam moradores da cidade como um todo e não só da Rua,

automóveis, bicicletas, animais sem donos, animais sendo pastorados por criadores e etc. (MELLO, 2002)

De acordo com Amélia Panet, a planta das casas que compreendem a tipologia 01 possui uma sala, três quartos, um corredor de circulação e uma cozinha no fim da casa. Hoje sobre as casas da Rua das Flores por dentro, nota-se que no geral elas possuem na maioria das vezes dois quartos (às vezes três), uma sala de estar, corredor que passa em frente aos quartos e dá acesso a salas de jantar, um ambiente para cozinhar e lavar roupas, tal espaço fica na parte traseira das casas, além disso, as moradias possuem um quintal que termina na parte de trás da Rua, mais especificamente em um beco chamado pelos moradores de beco das flores.

Algumas dessas residências têm áreas que servem como varanda ou garagens, quando varanda essas áreas geralmente são na parte da frente das casas, no caso da garagem pode ser na parte superior bem como na inferior, nesta última os carros para chegarem ao local precisam passar por um beco que não é restrito só aos moradores da Rua, pois ele serve como passagem para outras partes da cidade.

O abastecimento de água e luz na atualidade é individual, cada casa tem seu banheiro (em alguns casos mais de um) e um sistema de esgoto. A Rua é pavimentada e quase toda ela é dividida por árvores. Durante o dia, devido à sombra feita pelas árvores os habitantes que possuem carros ou motos os colocam em um espaço que fica entre as mesmas aproveitando o estacionamento livre que pela presença constante de moradores nas portas e até pelo motivo das residências serem tão próximas deste local, pode se dizer que é um ambiente seguro, quase que como uma garagem ou um estacionamento privado.

Boa parte da Rua fica quase que por completo dividida por uma linha física constituída de carros e árvores (muitas vezes tal linha física é construída também por grupos de crianças e/ou adultos que se reúnem para atividades de lazer como jogo de dominó, rodas de conversas e etc.). No período da noite os postes que ficam posicionados em frente às residências seguindo a linha do meio fio, cuidam de iluminar a Rua.

Entradas que dão acesso a becos ou a travessas que ligam a Rua das Flores às outras Ruas são os pontos finais para as agregações das residências da Rua das Flores.

Para descrever como se dão essas agregações as chamarei de blocos e as enumerarei, sendo assim, começarei a descrever os blocos tomando como ponto de partida uma moradia a qual carrega consigo uma placa que indica o nome atual da Rua: José Francisco de Carvalho.

O primeiro bloco só possui conjugação de casas do lado direito, são 19 casas, com aproximadamente 61 moradores distribuídos nelas, os indivíduos que ocupam essas residências possuem as mais diversas fontes econômicas para sobreviverem. De todo o primeiro bloco que observei, apenas em seis casas moram pessoas que hoje estão aposentados por serviços prestados à CTRT (tal informação partiu de uma informante que é antiga moradora desta Rua), no mais vemos: professores de ensino médio, taxistas, velhos aposentados de outras indústrias que não a CTRT, domésticas, cabeleireira, músico, funcionário de usina, cobrador de ônibus, lavadeira e estudantes. Temos nesse bloco adeptos das religiões predominantes da cidade de Rio Tinto, são eles católicos, evangélicos e testemunhas de Jeová.

O lado esquerdo é composto por uma área onde foi posto um varal que divide espaço com coqueiros e pés de castanhola, o varal serve para alguns moradores do lado direito estenderem roupas em dias ensolarados. Três casas nesse lado direito recentemente foram construídas. Pelo que se observa esse terreno, que também serve como área de lazer para as crianças, de estacionamento de carros para clientes de um bar próximo e até mesmo para a acomodação desses clientes, em breve será preenchido por novas casas, diferentes das do lado direito, serão construídas de uma forma que contradiz a lógica de ordenação que vem de 1924.

No segundo bloco ao todo temos 63 casas, diferente do primeiro a quantidade de casas do lado esquerdo (38) se aproxima com as do lado direito (25). As calçadas que ficam entre as frentes das residências são diferentes, o lado esquerdo tem um alicerce menor, uma das consequências disso é que quando chove muito, a água que desce a Rua invade parte dessa calçada do lado esquerdo, chegando até a se introduzir em algumas residências. Quando a chuva cessa e a água desce toda a ladeira chegando nas entradas do beco, uma camada enorme de areia toma conta do calçamento da Rua, a quantidade dessa areia depende da intensidade da chuva.

Quando o fato mencionado no parágrafo anterior ocorre, muito dos moradores da Rua das Flores utilizam ferramentas como carro de mão, baldes e pás para retirar a terra e utilizá-las em construções nas suas residências, ou até mesmo para aproveitar a cor clara das areias e jogá-las nos seus quintais.

Durante as manhãs faz sombra do lado esquerdo, com isso alguns moradores aproveitam o espaço para sentar com membros da família, vizinhos ou até mesmo sozinhos. No período da tarde é o inverso, os moradores do lado direito é quem retiram as cadeiras de plástico e observam o movimento da Rua.

No seguinte bloco nota-se quase que as mesmas diferenciações feitas sobre o segundo com relação aos lados e alguns hábitos observados (com exceção das considerações feitas relativas aos dias de chuva). São ao todo quarenta e duas casas, 24 do lado direito e 18 no esquerdo.

O quarto bloco é composto por 31 casas, todas do lado esquerdo. Diferente das outras partes da Rua as frentes das casas na grande maioria tem sua calçada assim como as outras, porém possui um espaço maior até chegar ao calçamento da Rua. Esse espaço é de terra com grama e nele se encontram várias árvores. É nessa parte da Rua que temos um ponto de ônibus que é bem frequentado pelos habitantes da redondeza.

Em toda Rua das Flores 15 casas são utilizadas como comércios, sendo 3 deles no primeiro Bloco, 5 no segundo, 5 no terceiro e 2 no quarto. Os comércios são em geral: eletrônicas, mercadinhos, bares e lanchonetes, salões de beleza, estúdio fotográfico e fiteiros. A religiosidade dos moradores é bem variada, encontra-se em toda área pesquisada, desde uma maioria de católicos e protestantes evangélicos, a praticantes das religiões de matriz africana, estes em menor escala quanto aos adeptos.

A coleta de dados na Rua das Flores

Para poder desenvolver a pesquisa na Rua das Flores, vendo que por algum tempo morei em tal região, foi necessário além de estabelecer relações, reafirmar relações já existentes com os moradores.

Circulei durante o segundo semestre de 2011 entre alguns residentes um folheto no qual os convidava para participar diretamente da pesquisa com imagens, através das seguintes colaborações: 1) mostrando fotografias guardadas, suas ou da sua família, velhas ou novas, 2) reconhecendo pessoas ou eventos em fotografias antigas (memória), 3) contando histórias sobre fotografia ou fotógrafos em Rio Tinto.

Assim, após alguns dias voltava à casa dos moradores para recolher a ficha, e tendo elas em mãos, junto com algumas anotações feitas em observações na Rua, pude selecionar alguns informantes para trabalhar de forma mais constante.

Para organizar as fotografias disponibilizadas pelos moradores, primeiramente foi feita a digitalização e a devolução das imagens originais aos seus respectivos donos. Em seguida fez-se réplica das imagens por meio de impressão, como também sequências para projeções em monitores ou telas.

Entre fins de 2011 até o primeiro semestre de 2014 compreende-se o período no qual as entrevistas e conversas informais com seis moradores foram sendo feitas de forma mais consistente. Tais atividades eram marcadas de acordo com a disponibilidade dos informantes e ocorriam na casa dos mesmos, ou então no Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV/Litoral Norte: Rio Tinto.

Neste sentido, através do contato com esse pequeno grupo de pessoas em conversas informais ou entrevistas (às vezes gravadas), foram levantados dados sobre suas vidas na cidade, além da busca de esclarecimentos sobre personagens e outros elementos que aparecem nas fotografias.

Inicialmente foram reunidas e digitalizadas 162 fotos pertencentes a estes seis moradores, sendo 53 frente e verso. O processo de levantamento foi ocorrendo aos poucos. As imagens mais antigas desse primeiro levantamento são datadas dos anos 50, no entanto, a maioria das imagens que contém datas pertence aos anos 60, 80 e 90.

Durante o recebimento das imagens para a digitalização notei que o ambiente das residências onde os álbuns e “fotos soltas” ficam, seja em sacolas plásticas sem álbuns,

em caixas de sapatos ou mesmo nos álbuns com tamanhos variáveis, é no quarto. Por fim, especificamente de moradores da Rua das Flores foram coletadas 499 fotos.

As primeiras pessoas e respectivamente acervos particulares de moradores da Rua em questão que tive contato foram o de Severina Lurdes e o de Noêmia. As idéias do projeto foram apresentadas a elas graças ao reconhecimento feito por mim e posteriormente por elas em torno de duas imagens nas quais meu avô, ex-morador da Rua das Flores, se encontrava. Ao realizar atividades no laboratório de Antropologia visual – Arandu, me deparei com essas imagens e decidi levar para que as Senhoras mencionadas (Noêmia ex- esposa, e Severina Lurdes ex-vizinha) pudessem me confirmar a identificação.

Realizada essa atividade decidi perguntar se as mesmas tinham interesse de participar e as respostas foram positivas. A identificação das imagens citadas motivou e facilitou até a própria compreensão da pesquisa por parte dessas senhoras. O empréstimo das fotos delas se deu devido à promessa feita de minha parte de digitalizar as imagens e em seguida entregar às donas novamente, além de, “não ficar mostrando ao povo por aí” como pediu Severina Lurdes.

Ao longo desses 3 anos foram reunidas e organizadas fotografias de seis famílias da Rua das Flores, para facilitar a identificação do material foi colocado o nome das pessoas que doou as fotos para os acervos. (ver Apêndice)

Após a coleta de fotografias, aproveitei os direcionamentos recebidos no cursar da disciplina “Organização Social e Parentesco” (ministrada pelo professor Fabio Mura em 2013) para construir genealogias junto às famílias que já tinham cedido o material fotográfico para análises.

As coletas dos dados ocorreram em momentos distintos. No dia 15 de março de 2013, comecei a busca pela pessoa mais acessível, Dona Noêmia. Aproveitei um momento de lazer da mesma e com uma folha de papel madeira enorme fui ao seu quarto e pedi para ela me contar quem foram os primeiros parentes dele que vieram para cidade, quantos filhos eles tiveram e assim por diante.

Na genealogia da família de Noêmia, consegui levantar dados referentes a cinco gerações. Ao todo foram levantadas informações básicas de 43 indivíduos. Vale salientar que em primeiro momento fiz um esboço da árvore genealógica na folha citada, porém, ao chegar em casa utilizei o programa “Geno Pro 2011” para auxílio na elaboração mais detalhada da genealogia.

Um bom tempo depois dessa primeira investida, voltei à Rua das Flores para fazer outras coletas de dados. No dia 01 de maio de 2014, consegui falar com duas pessoas que representam os acervos de suas famílias, Lia e Neide Souza e assim pude construir parte da genealogia de suas famílias.

Cheguei na Rua por volta das 14h e ao invés de ir direto à casa de algum morador, fiquei sentado em frente a casa de dona Noêmia esperando visualizar alguma das pessoas que já contribuem para o projeto. Essa opção se deu pelo fato do dia em questão ser um feriado nacional e como eu não tinha combinado com nenhuma das famílias, fiquei com receio de atrapalhar alguma possível programação familiar daqueles.

Após 25 minutos, Neide Souza apareceu em frente a sua residência. Fiquei um pouco constrangido em chegar pelo fato de que já fazia um bom tempo que não a procurava. No entanto fui em direção a ela, que me recebeu muito bem. Após algumas palavras lá estava eu sentado na sala da residência com a família quase que por completa reunida.

Comecei com as perguntas direcionando ao esposo da Neide Souza, Pedro Souza, porém as respostas iam se revezando de acordo com a memória deles (estavam comigo Elaíne, João, Pedro Souza e Neide Souza). Assim como na elaboração da genealogia anterior, chegamos a cinco gerações.

Após construir o esboço da genealogia fiquei a prostrar com Neide Souza e seu esposo. Eles me deram informações sobre pessoas que moram em casas diferentes e pertencem a mesma família.

Achei relevante observar a quantidade de moradores que pertencem a mesma família, moram na mesma Rua, porém em casas diferentes, coisa que não eu tinha atentado durante a construção da genealogia de Noêmia.

Na mesma tarde fui à residência da Lia. Similar a Neide Souza ela me recebeu educadamente e mandou entrar para sua casa. Seguindo o mesmo método que os anteriores, peguei os dados, esbocei uma genealogia no papel e ao chegar em casa pude construir com mais calma.

O levantamento e a reunião de fotografias antigas junto aos moradores da Rua das Flores foi uma atividade que apresentou maior dificuldade quando comparada com os levantamentos genealógicos. Isso talvez tenha acontecido por a coleta de fotos ter sido um dos primeiros passos de meu contato com os moradores, além disso, me deparei com algumas situações de investigações que iam se prolongando cada vez mais e o final nem sempre era o esperado.

Como exemplo disto, descrevo abaixo uma busca pelos arquivos imagéticos pertencentes a um homem chamado Mário Lima, a falta de informações precisas com relação ao destino destas imagens foi o maior obstáculo.

Ao analisar fotografias encontradas no livro *Rio Tinto: Estrutura Urbana, Trabalho e Cotidiano* (PANET, 2002) observei o nome de alguns fotógrafos, alguns identificados outros não. Nesse material se encontravam fotografias que tinham como referência “arquivo Mário Lima”. Em um primeiro momento apenas anotei seu nome, assim como estava fazendo com as outras referências, para posteriormente buscar o reconhecimento de pessoas e do próprio fotógrafo.

Em uma tarde de reunião fui avisado pelo orientador que informações obtidas levam a crer que este senhor talvez tivesse sido morador da Rua das Flores. Achei conveniente perguntar primeiramente aos meus familiares que residem nesta Rua. Feito isto, descobri que este senhor morou sim na Rua das Flores em dois locais, em uma casa do terceiro bloco do lado direito, no qual por coincidência hoje mora meu pai e também na primeira casa do lado direito do segundo bloco. Fui informado de que um parente do

Mario Lima ainda reside na Rua das Flores, ele é conhecido como “Seu Dão”, atualmente reside na última casa da Rua no quarto bloco.

No dia 05\01\12 após sair da universidade, por volta das 16h e 40min no caminho de minha casa que fica na Rua da Tijuca, ao passar pela Rua pesquisada olhei para casa do senhor em questão e vi que a porta da casa do mesmo estava aberta. Ele estava só na sala sentado em uma cadeira de balanço, logo parei minha moto em baixo de uma árvore próximo a casa do Dão e fui ao seu encontro.

Ao chegar em sua porta me apresentei como membro da Universidade Federal da Paraíba e comecei a falar um pouco sobre o motivo de minha visita inesperada. Argumentei sobre a pesquisa com fotografias, nesse momento ele pediu para que eu entrasse e sentasse no sofá de sua sala. Falei do livro sobre Rio Tinto e da busca por fotografias antigas desta cidade, posteriormente argumentei sobre as fotos do arquivo Mário Lima, questionei o mesmo sobre sua suposta ligação familiar com Mário Lima.

Como eu já imaginava, Dão não estava só em casa, sua esposa veio andando em passos lentos pelo corredor e me olhando tentando entender o motivo da minha presença. Ao ouvir falar no M. Lima se aproximou e começou a participar da conversa, foi então que descobri que a mesma é filha do Mário. Eu que estava com o livro em mãos cedi para que ela que se chama Arlete pudesse dar uma olhada nas imagens antigas do arquivo de seu pai.

O casal começou a reconhecer e identificar pessoas. Seu Dão lembrou que tinha um livro daquele e até hoje nunca soube como aquelas fotos foram parar ali, ele tinha uma suposição de que tais imagens e todo o arquivo do Mário Lima tivessem ficado com um homem chamado Pedro Catita, pai de um atual político da cidade.

Durante nossa breve conversa o Dão relembrou que durante a época em que o Mário era vivo ele pouco se interessava por este material que hoje constitui um arquivo pessoal. Com a morte do seu genro o material ficou na posse de sua esposa e pelo que se sabe a mesma não tinha tanto interesse nisto, por isso havia uma grande chance de as imagens estarem com o Pedro que de acordo com o Dão tinha mais apego a tais arquivos no qual se encontrariam essas imagens.

Sendo assim, fui à busca de alguém que pudesse mediar meu contato ou então me ajudar nessa outra etapa frente ao Pedro Catita. Conhecia da universidade uma jovem chamada Thalita que eu suspeitava ser da família do Pedro C., então conversei com a mesma e realmente minha desconfiança se confirmou, falei um pouco sobre o que estava procurando e mostrei as fotografias do Livro a ela. Devido à incompatibilidade com horários chegamos à conclusão de que ela pegaria o livro por empréstimo e mostraria à sua Tia que é filha do Pedro.

Depois de algumas buscas junto com a sua tia, Thalita chega com a informação de que sua tia até o presente momento não conseguiu encontrar tais imagens, o que me levou a crer nesse momento que soube de tal informação que as fotos talvez não estejam ou nem estiveram em posse dessa família. Fui ao encontro dessa minha informante que até então só tinha contribuído por intermédio de sua sobrinha, pudemos conversar um pouco sobre seu pai Pedro Catita e ela me afirmou que provavelmente o arquivo Mário Lima esteja em posse de uma outra família, mais precisamente a de um senhor já falecido chamado Zito que por ventura é referenciado em uma das fotos de tal livro. Seguindo informações de moradores, cheguei à casa de um dos parentes do Zito que ainda mora na cidade. Sua filha Magna foi bem atenciosa ao me receber em sua residência na Rua do Conjunto, próximo à Rua Nova. Ela junto a um de seus dois filhos me contou que já havia visto o livro que apresentei, tinha consciência do arquivo Mário Lima, porém, após a morte de seu Pai, a mesma não ficou com a posse de bens como arquivos fotográficos.

Sem certezas e com certo interesse nas imagens, Magna após me pedir uma cópia do livro, disse-me que seus irmãos que estão vivendo hoje na cidade de São Paulo poderiam estar com este material, isso se o material realmente estava com o seu pai, o que não ficou muito claro em nosso pequeno encontro.

Notas sobre familiaridade e estranhamento na etnografia da Rua das Flores

Pensando sobre minha “inclusão” e presença na Rua estudada noto que elas não foram em nenhum momento motivo para alguma reação de estranhamento, isso devido a minha antiga posição de morador e pelo fato de meus familiares ainda residirem em tal

localidade. No entanto, existe uma grande diferença entre a imagem que os antigos moradores criaram de mim, pelo fato de conhecerem-me desde criança, e a que eles se deparam agora, com a de um jovem estudante da antropologia, que de uma hora para outra passa a se interessar por memórias relevantes ao passado vivido por estes.

Apesar de ter sido facilitado em vários momentos da pesquisa pelos motivos referidos no início parágrafo anterior, notei que era visto como “o neto de Noêmia”, “o amigo do meu neto” e etc. Tal posição no qual me encontro dentro do campo tem suas vantagens, porém a mesma é equilibrada com algumas baixas, por exemplo: quando se nota que facilmente sua posição de aspirante á pesquisador é desconstruída rapidamente devido as relações criadas anteriormente a pesquisa.

Para exemplificar o que acabei de argumentar, lembro-me de uma tarde na qual junto com meu orientador fomos à casa de um morador da cidade que tinha preenchido uma ficha que indicava que o mesmo queria contribuir para a pesquisa, por ventura ele residia na Rua das Flores. O orientador do projeto tomou a iniciativa quanto ao contato inicial e a presença dele ficou lembrada como daquele “professor da universidade” ao passo que facilmente volto a ser “o neto daquela senhora” e a colaboração corre o risco de ser enviesada.

Outro adversário na pesquisa foi uma timidez que achava não possuir. Por mais que eu soubesse visualmente quem eram os habitantes da Rua das Flores (nome, emprego, família e etc...) ultrapassar a barreira do oi, ou de um simples cumprimento com essas pessoas foi uma das maiores dificuldades que acabei superando durante a pesquisa.

Refletindo um pouco sobre esse certo distanciamento (ao menos de palavras) que ocorria entre pesquisador e pesquisados que residiam na mesma Rua, (hoje moro em uma outra Rua, porém a proximidade entre elas são enormes, isso faz com que todos os dias eu esteja passando algumas horas na Rua das Flores) notei que várias vezes esse silêncio era resultado das diferenças dos hábitos relacionados a questões geracionais. As calçadas frequentadas, os assuntos discutidos, as atividades exercidas eram quase que por completo divergentes. Tive que observar muito o dia-a-dia desses moradores pesquisados para aos poucos ir procurando a melhor forma de se inserir e poder dialogar tranquilamente, sem olhares enviesados e outras atitudes que refletiam desconfiança.

No desafio de etnografar memórias, me lancei às impreviões da pesquisa de campo. Acompanhado de um tripé, um gravador de áudio, uma câmera gravadora, e uma boa dose de nervosismo e ansiedade, passei por cinco casas de alguns habitantes da Rua das Flores.

Como reagiriam pessoas que moram por quase toda sua vida em uma das Ruas mais populares da cidade ao ver as imagens da exposição de fotos antigas sobre Rio Tinto? Quais os pontos de conexão entre suas histórias e as histórias ali representadas? Quais seriam suas reações ao rever suas fotos que hoje se encontram também no acervo do Arandu?

Foi inicialmente com essas questões e outras que durante aproximadamente uma semana do mês de maio de 2014 recolhi depoimentos e captei imagens das pessoas e da Rua das Flores para a pesquisa (ver Apêndice: memorial das captações).

Em todos os encontros foi feito o seguinte percurso: primeiro mostrava as imagens antigas pertencentes à exposição por mim analisada (como foi dito acima), em seguida eram mostradas as fotografias dos acervos particulares da família dos sujeitos colaboradores. Além disso, levava em mãos algumas perguntas nos moldes de entrevista que serviriam para dar ritmo ao diálogo do encontro, caso as fotografias por si só não dessem o rendimento esperado, alguns dos resultados se encontram no capítulo seguinte.

Reflexões com imagens da exposição e dos acervos familiares

Ao rever o material coletado no exercício de foto-elicitación das imagens da exposição “50 anos de história e Tradição” feita com os moradores da Rua das Flores, levantei alguns pontos, os quais acho relevante apresentar.

Um deles se refere às imagens da família Lundgren colocadas com grande destaque na exposição. A maioria dos informantes desconhecem (nome, imagem ou contos relacionados) os membros desta família, com exceção do “coronel Frederico”.

Como habitante desta cidade, cresci ouvindo de minha Avó e de alguns conhecidos mais antigos, comentários positivos relacionados ao “homem que ganhou uma estátua em praça pública”.

Aos poucos fui incorporando o discurso de “pai fundador” a respeito do Frederico Lundgren, mesmo sem prestar atenção nas entrelinhas dos comentários proferidos por terceiros. Na medida em que fui crescendo fui apreendendo a reverenciar o nome Lundgren.

Hoje em um cenário diferente me vejo refletindo sobre até que ponto a figura que fui criando em minha mente corresponde com as faces desse senhor expostas em relatos coletados na Rua das Flores.

Em oposição ao que tinha aprendido inclusive nas escolas que estudei, nessa pesquisa me deparei com relatos reveladores sobre a conduta nada profissional desse “bom patrão” e de alguns dos seus altos funcionários. Abaixo encontram-se fragmentos de memórias que evocam momentos tristes da vida de antigos moradores (muitos desconhecidos), resultados de atitudes de homens que em determinados momentos colocavam seus desejos em primeiro plano, e pouco se importavam com o que isso poderia causar. Apresento a seguir alguns trechos de momentos nos quais os informantes reagiam à imagem de Frederico Lundgren:

Esse tal de Frederico Lundgren era o que trazia as famílias, e quando achava a filha de alguém bonita ele dava um jeito de tomar conta da menina, esse velho era safado. Quando ele falava que queria a filha de fulano, tinha que viver com ele, depois deixava. (Pedro Souza)

Ele era assim, um homem que não respeitava as pessoas, por exemplo, uma jovem que trabalhava na companhia, ele botava o olho naquela moça por que era bonita, depois ele iludia ficava um tempo, enganava e por fim desprezava, já ficava com outra. Eu conheci duas na Rua do Barão, teve uma que ficou até maluca, já morreram, mas se entregaram ao vício. Uma morena bonita e uma galega bonita que foram amantes dele.

Elas ficaram desprezadas, aí o desgosto foi grande, elas não tiveram força de sair do álcool. Ela era uma morena muito bonita, só vivia na porta de casa sentada, tão triste, mas todo dia ia tomar (como o pessoal diz) uma bicada,! A outra galega também, bebia muito, se entregaram e foi por causa do coronel... eu sei dessa história por que muita gente antiga contava. (Sra. Eunice)

Esse é o Frederico, é o gavião! Namorava muito. O pai de um amigo meu de uma cidade vizinha trabalhou como capanga dele, sabe? Quando chegava aqui na cidade aquela sertaneja bonita, brancona assim toda em ordem, aí ele passava na tecelagem e dizia:

- Pedro! Quem é aquela moça?

- Coronel, chegou faz dois dias.

- Eu quero conhecê-la Pedro. Leve-a na minha casa.

Ele “mexia” com a nega (mulher), aí depois pegava um funcionário comum, mobiliava uma casa e botava pra morar mais ela. Ele era um cabra até bom né?! A pessoa já entrava na casa era com tudo. (Francisco)

Eu sempre fui contra a esse negócio de homem casado, tive que mandar minha irmã pra o Rio de Janeiro... ali em Rio Tinto ela só fazia sofrer, perdeu o emprego, perseguida pelos chefão que queria ela e ela não queria, ela era muito bonita, parecia uma rainha, pele muito fina... Quem tirou a virgindade dela foi um dos chefe lá, era um velho, ela tinha dezesseis anos de idade, foi quase como um estupro, e ela sem poder fazer nada, tomou não sei quantas melhoral, quase morre, ficou entre a vida e a morte, ela tomou pra morrer mesmo. Né brincadeira não, minha irmã também sofreu muito, foi perseguida demais, pois era uma menina bonita, e ela com medo de perder o emprego caiu, caiu mesmo, mas era tudo homem casado. (Noelia)

Apesar dos relatos fortes citados acima, todos os moradores que participaram do exercício apontaram também espontaneamente o que consideram de positivo no que se refere ao que a Companhia de Tecidos Rio Tinto trouxe quando vieram para essa região.

O desemprego, graças à CTRT, não faz parte das memórias dos meus interlocutores. Aliada à cidade do emprego, notou-se uma cidade do lazer, e é justamente nesse ponto que quero voltar às imagens da exposição, porém, não só nelas.

A quantidade de fotos relacionadas ao lazer é algo que chama a atenção, só na exposição as imagens especificamente de festas (São João, Natal, Festa do algodão, Vaquejadas, Carnaval, festa de Santa Rita e etc.) chegam a 21. Além disso, outras atividades de lazer como ir ao cinema, jogar futebol, assistir e participar de desfiles não passaram em branco.

Pode-se dizer que foi um dos temas/fotos no qual os habitantes da Rua das Flores mais mergulharam novamente ao passado. Mas, como pensar o lazer na cidade de Rio Tinto?

O antropólogo Guilherme Magnani em sua pesquisa intitulada “Quando o campo é a cidade”, desenvolve uma discussão sobre o lazer nos bairros, e entre os assuntos abordados, chamou-me a atenção o da origem do lazer enquanto conceito teórico, diz o Paulista:

A questão do lazer, portanto, surge dentro do universo do trabalho e em oposição a ele: a dicotomia é, na verdade, entre tempo de trabalho e tempo livre ou liberado, e por lazer entende-se geralmente o conjunto de ocupações que o preenchem. (Magnani, 1996, p.31)

Nessa vertente do lazer como tempo livre fora do trabalho, vários dos estudos citados na revisão bibliográfica do material sobre Rio Tinto desenvolveram suas pesquisas ou apontamentos. Porém, sem negar os fatores constitutivos do lazer no mundo moderno, Magnani busca contextualizá-lo em outra direção, tentando, assim, mudar a dialética do lazer para descobrir as condições reais de tais atividades:

A mudança era: da lógica do capital – para a qual o significado do lazer já está dado, não sendo preciso nenhuma pesquisa para explicá-lo – para a lógica do “outro”, na outra ponta do processo. (Magnani, 1996, p.31)

Busquei analisar o material gravado em cima dessa lógica de lazer do “outro”, justamente aonde “sua dinâmica vai muito além da mera necessidade de reposição das forças dispendidas durante a jornada de trabalho”, no sentido de:

(...) uma oportunidade, através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade. (Magnani, 1996, p.31)

Na voz dos moradores da Rua das Flores temos a oportunidade de trazer à tona momentos das mais diversas atividades de lazer, porém, uma delas demonstra bem as implicações de se pesquisar memória em seu lugar de origem. Ao mostrar a imagem de uma festa em um local da cidade (exposição), logo obtive as seguintes respostas:

Essa era a festa do algodão. Isso aqui era dentro do tênis club, dentro do tênis club mesmo! Marcela chegou até a desfilar uma vez, Toinha é quem fez o vestido dela que eu lembro. (Sra. Neide Souza)

A mulher que desfilou é a irmã do meu pai, e no acervo fotográfico levantado encontram-se algumas imagens do dia desse desfile. Achei interessante, e posteriormente voltei a olhar as imagens.

No dia posterior fui ao segundo encontro para captação de áudio e imagens filmicas com Eunice, e para minha surpresa, ao passar a fotografia da festa do algodão, a mesma me veio com as seguintes lembranças:

A festa do algodão era uma festa bonita viu, era uma tradição muito organizada. Eu achava bonito, e até tua tia desfilou uma vez, eu não sei se tu já era nascido. Era muito bonito, não tem a festa do abacaxi em Sapé? Pronto. Lá era o abacaxi, aqui era o algodão, era a tradição da cidade, todo ano tinha. (Sra. Eunice)

Ao ser indagado novamente sobre a participação de minha tia em uma das edições da festa do algodão, vi a oportunidade de utilizar as imagens que tinha no acervo Noelia , e assim o fiz, levei as fotografias e pedi para ela me relatar como foi aquele dia e explicar como era a festa na visão de uma participante. Obtive alguns depoimentos de Marcela, retirei uns trechos que julguei relevantes para se conhecer as questões de bastidores do desfile:

Era o meu sonho desfilar nessa festa. Fui chamada, desfilei, dei um bom desfile, deu tudo certo, tinha os jurados pra votar, ganhei na época pra primeira princesa. (Sra. Marcela)

Ao indagá-la sobre como era a festa, a mesma me responde:

Tinha todo o ensaio, era dois meses de ensaio no tênis club e nós ficávamos naquela expectativa toda. A gente escolhia a cor do vestido, a companhia cedia o tecido e fornecia só um pouco de dinheiro para ajudar nas outras coisas, mas a vontade de desfilar da gente era tão grande que sapatos, enfeites pra roupa, maquiagem, jóias, tudo era por conta da gente, de tanta vontade que a gente tinha de desfilar, por que era uma festa que representava a companhia de tecidos Rio Tinto. (Marcela)

Durante os momentos de lembranças do Sr. Pedro Souza, ele me afirmou que a festa do algodão era a festa para os ricos, dizendo assim:

Aí só entrava rico, cabras de dinheiro. Pobre nem pra ver! Só pra quem tinha pano pras mangas. E era tudo de vestido longo, as negas. (Sr. Pedro Souza)

Procurei saber com os outros entrevistados sobre esse assunto, e obtive as seguintes respostas:

Só frequentava a “sociedade”, era uma coisa que não era acessível muito pra aquelas pessoas mais... (silencio) Era a esposa de Dr. Toinho que organizava, junto com a esposa de Dr. Rubenildo. (Sra. Marcela)

Tinham pessoas que eram operários, mas não se sentia bem, por que era um canto que ia muita gente assim... (pausa) como quem diz eu sou simples, fulano é chique, ai leva pra esse lado né? Mas, tinham pessoas que eram simples e não tava nem ai, se arrumava e iam embora se divertir na festa, pois, depois do desfile tinha banda para o povo dançar. Eu fui umas três vezes ou quatro assistir! (Sra. Eunice)

Assim como a festa do algodão, o antigo cinema da cidade, Cine- Orion construído em 1944 também foi palco de vários momentos da vida de meus interlocutores. Os acontecimentos por lá iam muito além do que assistir filmes:

Lembro que passava jogo do Flamengo X Botafogo, era uma anarquia da bexiga, num tal de Canal 100, era só de times carioca. Apagava as luzes pra ficar tudo no escuro, era uma ‘gritaiagem’ danada, daí uns amigos meus levavam muitas vezes chocalho de vaca, quando apagava as luzes começava o barulho do chocalho, daí acendiam e o homem dizia, quem foi? Quem foi? Bota pra fora! Mas, quem ia saber? (risos)

Era cadeira de madeira, aquela cadeira os caras faziam assim (ele demonstra como os “caras” faziam o movimento com o pé pra danificar a cadeira), quebravam! Eles sentavam lá atrás onde não tinha ninguém aí o cara danava o pé, daí diziam “tira! Bota pra fora e vejam quem é?! (Sr. Pedro Souza)

Além das brincadeiras internas, o cine orion era local de aconchego, local de encontros escondidos. Isso vem ficando cada vez mais claro desde outras relatos coletados há alguns anos atrás até esses novos com tais denominadores comuns:

- Lá pra dentro tinha um soltam que era muito bom! (risos) (Sr. Francisco)

- Francisco só ia para o soltam! (Esposa de Francisco)

- Eu nunca fui com ela não. (Sr. Francisco)

- Como é o nome? (Danilo Alex)

- O soltam (Sr. Francisco)

- É onde tem aquela parte de cima (Esposa de Francisco)

- E o que era que tinha lá? (Danilo Alex.)

- *As meninas pra namorar (Esposa de Francisco)*
- *Lá era só cachorrada, quando o cara queria fazer safadeza ia pra lá (Sr. Francisco)*
- *E lá em baixo também! (Esposa de Francisco)*
- *Quer dizer que o Francisco frequentava muito o soltam? (Danilo Alex)*
- *Era sim, mas comigo não só com as... (muitos risos) (Esposa de Francisco).*

Das imagens da exposição foram evocadas memórias das atividades de lazer proporcionada pela CTRT, porém, nos acervos dos moradores da Rua das Flores as festas internas nas Ruas também foram lembradas.

Durante a foto-elicitación em torno de algumas imagens de uma comemoração não identificada, descobriu-se o que as mulheres da Rua faziam no fim de ano:

- *Isso aí é um amigo secreto, onde branca morava, hoje quem mora é Edson, numa “garagenzinha” ali não era Pedro Souza? Era uma garagem aberta. (Sr. Neide Souza)*
- *Se fazia sempre? (Danilo Alex)*
- *Só o povo da Rua, só as mulheres da Rua! (Sr. Pedro Souza)*
- *Todo final de ano! A gente se reunia e fazia um amigo secreto, era só a mulheres mesmo. (Sra. Neide Souza)*
- *E os homens faziam o que?(Danilo)*
- *Não faziam nada, iam só encher a cara de cachaça (risos) (Neide Souza)*

Banhos de piscina no SESI e na bica de sertãozinho, (esta ultima na cidade de Mamanguape), times de futebol feitos só com moradores da Rua, deslocamento dos moradores para temporadas na praia da cidade vizinha. Estes são apenas alguns dos momentos lembrados através das imagens dos acervos particulares.

Apesar de pequeno, o material filmado apresenta dados que considero bem relevantes, tanto em termos técnicos, como pela experiência metodológica, e também no que se refere ao conteúdo para o estudo de memória. Sobre este último, será impossível esgotá-lo em termos de análise nessa monografia.

Todos os meus interlocutores são pessoas religiosas, e a religião predominante é a católica, isso ficou bem visível em suas narrações. Temas como: trabalho, família, o nome da Rua e o relacionamento dos operários com os moradores das terras indígenas, além de outros, foram citados em vários relatos e merecem uma análise posterior.

Nas memórias mais longínquas sobre a Rua das Flores, temos um ambiente com casas para mais de uma família, árvores enormes, calçamento não existia, casas em estado de construção e o abastecimento de água era precário:

-Essa casa aqui não tinha nada, sabe de quê essa casa era? Era daqueles tijolos feios, como tem na casa de José. Na casa de José não tem um tijolos assim?! Pois, era todo de tijolos quadrados e redondos. Não tinha banheiro, não tinha puxada, tinha nada disso, só era dois quartos e aquela cozinha. (Sra. Severina Lurdes)

-Essa Rua das Flores tinha uns pé de figos aqui no meio, e era de pedregulho, o calçamento só veio surgir nos anos 60. (Sr. Francisco)

Os comentários referentes ao abastecimento de água foram todos resultados da foto-elicitación gerada por uma imagem da exposição, a mesma exibia um chafariz. Até onde os moradores lembraram existia chafariz na Rua das Flores, porém, a água não era bem tratada, longe disso, como lembraram Pedro Souza e Eunice:

-Há! (surpresa) Caí agora na real. Essa era as torneiras que a gente pegava água, essas coisas lindas. Aqui no Tambor tinha, no Barão, na Aurora. A gente carregava água no balde, ou então na cabeça mesmo, ou então no galão, os homens carregavam no galão. Meu irmão carregou tanto o coitado, que tinha uns catombos aqui olha (aponta para a direção dos ombros), o pobre de Edinaldo, botava uma lata de um lado e de outro, e um pau assim roliço, aí botava dois arames de um lado e do outro! O meu deus, enchia a tampa, enchia tudo pra gente fazer as coisas, era ele e meu pai.

Mas, também essa água era suja Danilo. Essa água do burro d'água, Jesus! Não sei se tu se lembra do povo que tinham monóculos, tinha uns bichos que vinham na água, aí a gente botava (o monóculos) e via aqueles bichos andando, pra tomar à água a gente cozinhava ela, e pra botar assim pra tomar banho, fazer outras coisas assim a gente coava, botava um pano bem grande na boca de um tonel, e ficava aqueles bichinhos. Até pedaço de ferro vinha, por que não era cano de plástico, era ferro mesmo, a água era muito suja.” (Sra. Eunice)

-Isso era uma torneira que ficava lá no Beco de Seu preto (Mercadinho) e aqui na esquina de dona Olindina. A água vinha sabe de onde? Do burro d'água! Era as torneiras na Rua pro povo

beber água, não tinha água em casa não macho. Tá pensando que tinha água encanada é macho?! Mai pronto, era feito sertão! E num tinha esse negócio de dizer assim “bota cloro!”, era sapo, rato dentro e ninguém nunca morreu. (Narração bem humorada) (Sr. Pedro Souza)

E assim, intensificando um pouco mais minha convivência com esses moradores da Rua das Flores a partir do levantamento de relatos e narrações, das reflexões e dos silêncios, das expressões e das emoções, pude ter através dessa pequena experiência etnográfica visual uma frágil certeza de que com o estudo de memórias podemos reviver a cidade em uma Rua, uma Rua em uma casa, e em cada casa um centro, um centro do mundo, bem como Paolo Perulli indica no seu livro “Visões da Cidade” (Perulli, 2012).

Em cada casa um centro do mundo, em cada um desses mundos lembranças que por diversas vezes brotavam de um olhar centrado em fotografias antigas. Ver imagens (deles ou não), lembrar, reconhecer ou não, e comentar sobre as imagens foi o principal exercício que fez com que os moradores aos poucos fossem deixando em evidência alguns dos passos trilhados por eles e outros em Rio Tinto.

Um Curta metragem na Rua das Flores (3)

Como parte integrada ao capítulo 4, foi produzido um material fílmico com o intuito de aproximar mais os interessados nessa pesquisa da realidade descrita acima. Ao todo são aproximadamente 12 minutos que expõe algumas narrativas resultado de lembranças de 5 moradores da Rua das Flores.

As memórias contidas em “Um percurso etnográfico entre ruas, fotografias e lembranças” foram resultadas de foto-elicitación com imagens da exposição e também de seus acervos particulares. No vídeo etnográfico os moradores se lembram de como era a rua, de onde vieram os primeiros moradores, origem do nome da Rua das Flores e outros fatos.

CONCLUSÕES

Como bem disse James Clifford, o exercício da etnografia “requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e freqüentemente um desarranjo das expectativas pessoais e culturais. (...)”. Pensando nisso, me dou conta que meu envolvimento direto e a prática da conversação são coisas que venho fazendo com essas pessoas há mais de 16 anos (com diferentes intensidades), o aprendizado linguístico foi uma etapa desnecessária e as memórias como elemento de base para essa etnografia foi o que mais provocou os desarranjos das expectativas.

O experimento metodológico de utilização das imagens antigas para a exploração de memórias foi um desafio em todos os sentidos, desde a análise das imagens expostas, passando pela coleta na Rua, organização do material levantado, e por fim nas atividades de entrevistas e foto-elicitación.

Desafio por que tratava-se de um pesquisador iniciante que nunca em toda sua vida tinha olhado ou feito imagens com o valor de um artefato cultural. Mais além do que isso, as fotos antigas aqui foram problematizadas no sentido de entender sua utilização por terceiros (como no caso da exposição) para a construção e fortalecimento da história e tradição oficial da cidade, e em contrapartida para o início da reconstrução de histórias fadadas ao esquecimento.

Posso garantir através dessa experiência a eficácia da fotografia como combustível para incitação da memória. Contudo, os métodos para sua utilização nessa direção precisam ser ampliados e aplicados cada vez mais. Em vários momentos durante a foto-elicitación obtive como resultado um silêncio profundo, mas não se tratava de um silêncio por falta de conhecimento sobre o assunto ou algo que era reflexo do próprio assunto. O que gera esse silêncio? Não o vejo como algo positivo na prática de foto-elicitación, e para acabar com tal tive que recorrer às perguntas tradicionais das entrevistas, alternando assim em exibição de foto (prioridade) e perguntas sempre que o silêncio se fazia presente.

Sobre os resultados obtidos, queria deixar claro que algumas das imagens que constavam na exposição foram muito proveitosas no momento de amostragem com os moradores da Rua das Flores, tal como o momento descrito no capítulo 3 resultado da foto-elicitación com a imagem do chafariz com a senhora Eunice. A mesma olha pra

imagem sem entender muito e de repente reage de forma bastante surpresa, daí em diante, após ter a certeza do que se tratava, vem uma onda de memórias do seu passado, de momentos vividos com seus familiares, das condições de vida na cidade de Rio Tinto neste período e etc...

Da mesma forma que o desconhecimento sobre as figuras centrais da exposição (família lundgren) é um dado que reforça a crítica em torno da questão: há quem pertence mesmo essa história e tradição?

A não ser a imagem de Frederico Lundgren, e em uma única situação onde um senhor reconheceu Ana Elizabete Lundgren por causa de um quadro que tem essa mesma foto no SESI, todos os entrevistados desconhecem os retratos dos membros da família Lundgren. Então por que tanto destaque?

É fato que todos os meus interlocutores reconhecem a importância da Companhia de Tecidos Rio Tinto para o surgimento da cidade em questão, mas também foi notável que cada um deles carrega consigo os resultados de décadas passadas onde a lógica de vida era baseada no ouvir, calar e fazer.

Na história da cidade pelos moradores da Rua das Flores somos levados à compreensão da importância de seus “papéis” e dos seus antecessores genealógicos que pouco a pouco foram dinamizando, dando corpo e sentido a cidade de Rio Tinto.

Os primeiros moradores que vieram para Rio Tinto das famílias que entrevistei são oriundos de cidades do Rio Grande do Norte, e de algumas cidades da Paraíba, o que reforça a afirmação de Panet sobre a origem dos primeiros trabalhadores que vieram habitar Rio Tinto, ela aponta que as primeiras famílias são em grande escala de diferentes cidades do Nordeste.

Os pais de Severina Lurdes, por exemplo, vieram do mesmo lugar, da cidade de Nova Cruz-RN. Os de Francisco se conheceram já em Rio Tinto, um veio de Guarabira o outro de Sapé. A mãe de Pedro Souza partiu de Gurinhém rumo a cidade de Rio Tinto, os de Eunice da cidade de Araçagi.

Boa parte da Rua é composta por alguns grupos familiares. Com exceção da Maria Aparecida, todos os outros colaboradores possuem parentes em outras residências da Rua. Com os dados genealógicos em mãos tive a possibilidade de refletir sobre como o parentesco na Rua das Flores se tornou um fator importante na composição-manutenção dos moradores.

Na maioria das vezes em que um filho de algum morador se casa ele procura uma residência na mesma Rua, isso é comum na Rua das Flores e acredito ser nas demais Ruas da cidade. A proximidade com seus parentes ajuda em momentos de dificuldades econômicas, cuidados na criação dos filhos (tendo em vista que os novos pais vão trabalhar para sustentar a casa, os avós na maioria aposentados ficam encarregados de durante os primeiros anos apoiar cuidando dos netos), e em diversos outros aspectos.

Já houve vários casos de filhos que casam com alguma pessoa de outra Rua, vão morar em outro local da cidade, porém, ao passar alguns anos voltam para a Rua das Flores, em busca daquela aproximação de parentesco que facilita o dia-a-dia. Assim, a Rua das Flores em grande medida é composta por algumas dezenas de famílias espalhadas pelas 157 casas.

O sentimento de solidariedade e de identidade é algo notável, tanto nas fotos como nos discursos. Vários times de futebol por exemplo, foram criados pelos moradores dessa Rua, e todos carregaram consigo o nome de Rua das Flores como uma forma de identificação. Outro aspecto relevante é que todos os jogadores principalmente nas décadas passadas para serem aceitos no time tinha que morar na Rua em questão. Havia reuniões internas, que serviam para sociabilidade entre os membros da equipe.

Hoje em dia os moradores em diferentes épocas do ano se organizam para organização de festas realizadas na Rua. É assim que no dia dos Pais a Rua é fechada pelos moradores, mesas são postas nas calçadas e no meio da Rua, músicos da cidade são contratados para animar a comemoração que dura boa parte do dia, os pais são homenageados com presentes, discursos e etc. O mesmo ocorre no dia das mães.

Durante os festejos juninos, ou em épocas de copa os moradores se reúnem, contribuem com alguma renda e enfeitam a Rua com bandeiras, pinturas, barracas e etc.

Na celebração de corpus cristo também temos uma convenção da maioria dos moradores, a Rua fica muito colorida.

As fotografias foram deixando registrado ao longo da vida dos residentes da Rua das Flores diversos desses momentos mencionados, não deixando passar em branco vários personagens que também pertencem à tradição de Rio Tinto, embora não apareçam nos retratos da exposição comemorativa. Entendemos, pois, que as personagens que se estabeleceram na rua das flores ao longo do tempo são tão importantes quanto os membros da Família Lundgren para pensar os conceitos de “história e tradição” a partir do ponto de vista local, assim, tais imagens fotográficas nesse trabalho possuem a importância de auxiliar na ampliação de uma “história e tradição” que por muito tempo vem sendo centralizadas em algumas figuras ligadas a economia/Política de Rio Tinto.

Essa pesquisa não vai parar por aqui, a memória dos habitantes que não se enquadram nessa história contada em livros e em exposição, precisam ser mais estimuladas, os elementos que compõe a identidade dos moradores de Rio Tinto podem ser aprofundados, e para isso a antropologia tem muito a contribuir.

Notas

- (1)Essas análises serão completadas futuramente
- (2) As tabelas se encontram nos apêndice
- (3) No apêndice pode-se ver o memorial das captações (vídeo e áudio)

APÊNDICE

1. Tabelas com dados da exposição comemorativa

Exposição *50 anos de História e tradição em Rio Tinto – PB* (Prefeitura, 2006)

Tabela 1.1 Organização geral dos dados analisados

Exposição para comemoração do aniversário de Rio Tinto	Painél1	Painél2	Painél3	Painél4	Painél5	TOTAL
Quantidade de fotos	24	32	34	28	32	150
Sentido da visualização	Esquerda para direita, de cima para baixo	Indefinido ou pouco claro	De cima para baixo em pilhas verticalizadas	De cima para baixo em linhas horizontais duplicadas	De cima para baixo em linhas horizontais duplicadas	–
Tipo de plano predominante	PM	PG	PG	GPG	GPG	–
Enfoque predominante	Indivíduos	Grupos	Grupos	Paisagem	Paisagem	–
Temas predominantes	Personalidades e edificações históricas	Eventos políticos	Festividades	Ruas	Ruas	–
Nº de Fotografias com legendas ou datas	21	24	18	28	32	123
Nº de fotos com Poses (individual)	10	3	3	0	0	16
Nº de Pessoas identificadas nas legendas	10	9	0	0	0	19

Fonte: Exposição de fotografias antigas em painéis (Secretaria de Cultura de Rio Tinto)

Tabela 1.2 Identificação de pessoas através das legendas

Nomes de pessoas identificadas
Herman Lundgren
Ana Elizabete Lundgren
Herman Lundgren Júnior
Frederico João Lundgren (identificado em 4 fotos)
Guilherme Alberto Lundgren
Arthur Lundgren (identificado em 5 fotos)
Ana Louise Lundgren
Alberto César de Albuquerque
Padre Leonardo
Padre Vicente
Irmãos David
Seu Coelho
Gaspar Dutra

Antonio Pires
Seu Serrano
Eduardo Ferreira (Deputado)
Francisco Gerbasi (Prefeito)
Vice Prefeito e Filho de Arthur Severino Silva
Bety
Professor Geraldo
Maria Helena
Vicente Elias

Fonte: <http://www.riotintopb.com.br/f5read/galeria/galeria.php?varimg=151>

Tabela 1.3 Identificação de eventos e edificações através das legendas

Legendas
Tijoleira da CTRT
O vendedor do engenho preguiça
Chaminés do progresso/Fábrica inaugurada em 27/12/1924
Recebendo novas máquinas/A chegada de novas máquinas para a fábrica
Fabrica funcionando
A Primeira Igrejinha
Final da construção da nova Igreja
Igreja - foto antiga
Padre Leonardo W. Crommenacker inaugurou a igreja matriz em 1948
Procissão do Sagrado Coração de Jesus
Procissão levando o cruzeiro para a Praça da Vitória
Igreja Nossa Senhor dos Prazeres - Sec. XVIII -
Frente do Cine-Teatro Orion/Construído em 1944
Orion por dentro
Cine-teatro Orion desativado de 1.987 à 2002
Irmãos David arrendarão o Orion em 1.965
TG- começou a funcionar em 01/11/1945
Dia do soldado 67 - Discurso - Seu Coelho
Frederico e Arthur com Gaspar Dutra
O primeiro hospital - Hoje INSS
Inauguração Casa de Saúde Santa Rita de Cássia
Igreja sem a estátua
Estátua de Frederico – posta em 1952
Palacete – 1945
O quebra-quebra/ Palacete – 18/08/1945
Orquestra de Rua no Carnaval de 1958
Carnaval de Rua
Carnaval de 1957 – Tênis Club
Arthur Lundgren: Primeiro prefeito – recebendo diploma
Festa no RTTC

Bety – Primeira mulher trabalhar na PMRT – Dezembro de 1956
Final de ano no SENAI
Recepção do SENAI
Escola SENAI em desfile
Desfile
Ornamentação – Festa do Algodão
Festa de final de ano
Tribo indígena de Vicente Elias -Carnaval-
Barracas da antiga feira
Pedra fundamental do Estádio
Futebol de Salão – Tênis Club
Décima Nona Vaquejada – 1967
Asfalto Mamanguape - Rio Tinto Concluído em 13/051976

Fonte: <http://www.riotintopb.com.br/f5read/galeria/galeria.php?varimg=151>

2. Acervos particulares das famílias

Informações gerais dos acervos particulares trabalhados:

Acervos particulares	Acervo Severina Lurdes	Acervo Noelia	Acervo Alberto	Acervo Rita Moreira	Acervo Lia	Acervo Neide Souza	Total
Quantidade de fotos	58	29	50	25	209	128	499

Sobre os acervos	De todas fotos neste acervo em 16 se encontra informação nos versos, legíveis e ilegíveis.	Entre imagens em preto/branco e coloridas, o acervo Noelia em sua maioria mostram momentos familiares.	Mais da metade destas datas ou pessoas que aparecem em foco e facilitam o trabalho com relação a identificação do tempo e personagens.	A quantidade e exata do material fotográfico pertencente a “Ritinha” ainda não se sabe, já que a mesma por receio cedeu apenas uma parcela	São 209 fotos que expõe fragmentos do cotidiano de três gerações dessa família	Nesse acervo temos a predominância das imagens em cores	-
-------------------------	--	--	--	--	--	---	---

3. Memorial das captações (áudio e vídeo)

Identificação de participante: Severina Lurdes

Recurso metodológico: foto-elicitação

Tempo de gravação: 1h 10min

Data: 28 de maio de 2014

Local: Sala da residência de Severina Lurdes

Horário: 20h

Como foi pensada a gravação?

Levando em conta pequenas experiências com algumas gravações de imagens e áudio, sempre me preocupo em tomar cuidado para que problemas técnicos não colocassem em risco os resultados de pesquisas a serem obtidos.

A filmagem na casa de Severina Lourdes foi algo inesperado, a gravação com ela nem estava marcada para o dia o qual aconteceu. No planejamento para captação de relatos orais, a primeira data marcada era no dia 29 de maio de 2014 com Neide Souza, contudo, tomei proveito de minhas visitas diárias a residência de Severina Lurdes para arriscar uma possibilidade de “testar” os equipamentos que tinha em mãos e perceber o funcionamento técnico destes, além disso, queria coletar memórias também.

Aproveitei o momento após jantar na casa da mesma, e fiquei a conversar sobre o dia-a-dia de nossas vidas. Imaginando que não iria dar certo (devido ao horário que era o da novela que S. Lurdese sua irmã assistem todos os dias), ousei em perguntar se ela queria ver algumas fotos antigas de Rio Tinto, para minha surpresa ela aceitou na hora, desligando inclusive a televisão para não atrapalhar a gravação.

Tripé com a câmera em frente ao sofá onde iríamos nos sentar, gravador de áudio em cima da mesa de centro objeto de sala, “notebook” com as imagens digitalizadas e prontas para começar a foto-elicitação.

Sobre os resultados técnicos obtidos:

Mesmo tomando cuidado com o áudio da gravação, enquadramento da câmera, iluminação e etc... Fui prejudicado por dois acontecimentos inusitados. Um deles foi a chuva forte que acompanhou boa parte da gravação, e o outro foi um pequeno problema no tripé que só vim perceber após algumas dezenas de minutos de filmagem, que aos poucos fazia com que o enquadramento escolhido fosse quase bater nas telhas da casa.

Identificação de participante: Neide Souza e Pedro Souza

Recurso metodológico: foto-elicitação e história oral

Tempo de gravação: 1h 37min 10s

Data: 29 de maio de 2014

Local: Casa dos participantes

Horário: 15h e 30min

Como foi pensada a gravação?

Diferentemente do dia anterior, essa gravação foi pensada com antecedência. Aproveitei anos de boa relação com a filha dos participantes (crescemos na mesma rua, brincávamos juntos quando criança, e até hoje frequentamos mesmos lugares) para indaga-la sobre informações que juguei importantes, tal como: quem é o mais tímido em frente das câmeras? Quem depois de minhas primeiras visitas se mostrou mais animados com a participação no projeto? Outras perguntas nesse sentido foram feitas com o intuito de que fosse realizado um bom planejamento pré-gravação.

Através da experiência na casa de Severina Lurdes, cheguei à conclusão de que era necessário mais uma pessoa para auxiliar na gravação. À minha disposição estavam alguns dos alunos do curso, porém, pelo conhecimento que obtive através da convivência com S. Lurdes e pelas informações recolhidas com Daniele (filha de N. Souza e Pedro Souza), a presença de alguns de meus colegas, por mais que fosse essencial para o auxílio técnico, poderia inibir e prejudicar a desenvoltura dos moradores da rua das Flores.

Fiquei de frente com uma situação que envolvia diferentes necessidades para a boa qualidade de meu trabalho de campo, e após pensar um pouco, me veio a ideia de no caso do segundo dia de gravação, utilizar a filha do casal para manusear a câmera e bloquear possíveis problemas de enquadramento e liberar a desenvoltura dos mesmos, para isso, me reuni com Daniele momentos antes da gravação e passei algumas orientações.

Sobre os resultados técnicos obtidos: O áudio ficou bom, muito disso graças à ausência da chuva. Partes das imagens captadas ficaram úteis, porém, nota-se em vários momentos da filmagem um problema de foco, a situação a ser gravada fugiu do que esperávamos e com isso ocorreu a necessidade de deslocamento do plano pensado e por consequência disto várias imagens ficaram com o foco mal definido.

Uma grande experiência da ajudante é algo que em nenhum momento pode ser cobrado, nem era o objetivo, a lição que pude tirar desse dia é que pensar antecipadamente as possibilidades de situações que irão ocorrer no momento das filmagens é fundamental, tão fundamental que por mais que você se prepare para criar um vídeo/filme etnográfico, as chances de ocorrer algo inesperado é enorme.

Identificação de participante: Eunice

Recurso metodológico: foto-elicitação e história oral

Tempo de gravação: 1h 12min 09s

Data: 30 de maio de 2014

Local: Casa de Eunice

Horário: 16h e 00min

Como foi pensada a gravação?

Durante o período que morei na rua das Flores em minha infância, Eunice foi minha vizinha. Cresci partilhando das mesmas atividades que seus filhos, e com isso frequentei e frequento muito a casa dessa senhora.

Ao saber de meu interesse sobre histórias relacionadas à cidade de Rio Tinto, a mesma, sempre que nos encontrávamos e o assunto era a cidade de Rio Tinto, vinha com histórias curiosas vividas pelos seus familiares.

Eunice é a única dos sujeitos de pesquisa que não pôde colaborar com fotografias antigas, no entanto achei relevante convidá-la a exercitar a técnica de foto-elicitação ao menos com as imagens da exposição. A estratégia de gravação seguiu o curso das outras, sofá de sala, tripé com câmera e gravador de áudio.

Sobre os resultados técnicos obtidos: Os resultados foram bem positivos, nem o fato de não contar com um assistente de câmera prejudicou a qualidade dos materiais obtidos. No geral obtive imagens boas e uma captação de áudio com a qualidade esperada.

Identificação de participante: Francisco e sua esposa Maria

Recurso metodológico: foto-elicitação e história oral

Tempo de gravação: 55min 10s

Data: 31 de maio de 2014

Local: Casa dos participantes

Horário: 10h e 35min

Como foi pensada a gravação?

Depois de vários convites feitos por mim, Francisco , irmão de Rita Moreira (pessoa que cedeu seu acervo particular para a pesquisa), conseguiu reservar um pedacinho da manhã para que pudéssemos sentar e ver algumas fotos da cidade e de sua família.

Tendo em vista as dificuldades de encontrar um tempo livre no dia-a-dia do senhor Francisco, nos falamos no dia 30 e combinamos para gravar no dia 31 pela manhã, o dia era um sábado no qual temos a feira da cidade.

A agitação comum desse dia me deixou um pouco preocupado, porém, não deu pra pensar em muita coisa, a não ser manter o pequeno mecanismo utilizado na gravação da Eunice, contudo, incluindo parte das imagens do acervo particular da família Moreira.

Durante a gravação, Francisco me alertou que tinha marcado um outro compromisso e que as horas estavam quase se chocando, fiquei um pouco nervoso, pois, não esperava por isso. Tive que passar as imagens um pouco mais rápido, e tenho certeza que apesar de alguns bons resultados, isso prejudicou bastante o exercício da prática de foto-elicitação.

Sobre os resultados técnicos obtidos:

A gravação aconteceu na garagem da casa do mesmo, ela fica localizada onde comumente temos a sala das residências da maioria dos moradores da rua das Flores. A iluminação para filmagem estava excelente devido ao portão com abertura para entrada da luz do sol, me posicionei com a câmera onde joguei ser o melhor lugar (de costas para a entrada da luz) e obtive bons resultados.

Se por um lado, devido à abertura do portão, tivemos qualidade na imagem, em contrapartida, os captadores de áudio ficaram expostos aos barulhos externos à garagem que não eram poucos, colocando em risco uma pequena parte do material.

Pessoas que participaram: Marcela

Recurso metodológico: foto-elicitação e história oral

Tempo de gravação: 15 min

Data: 07 de junho de 2014

Local: Residência de Marcela (Sala)

Horário: 20h e 30min

Como foi pensada a gravação?

Quando parei para pensar nas pessoas que iriam colaborar, Marcela não estava entre os escolhidos e sim sua mãe, porém, durante o desenvolvimento das coletas fílmicas, a mesma foi citada por parte de meus interlocutores no que se referia a um evento específico, ou seja, fazia parte por alguns motivos da memória daquelas pessoas. Tendo facilidade de acesso a Marcela, entrei em contato, pedi para fazer um exercício com ela, mas, não disse necessariamente o que era. Fiz de propósito para ver qual era a reação dela ao ver as imagens que nem ela sabia que o laboratório teria cópias (as imagens foram cedidas por sua mãe). Os resultados foram bons, tanto em termos técnicos como na aplicação do exercício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.

BANKS, M. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, A.; CUNHA, T. da. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARTHES, R. *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATESON, G.; MEAD, M. *Balinese Character. A Photographic Analysis*. The New Academy of Sciences, 1962.

COLLIER JR., J. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU- Ed: USP, 1973.

FERNANDES, J. B. *O extinto Rio Tinto*. Imprensa Universitária, Recife, 1971.

FERNANDES, J. B. *O pai do vento*. 2000.

GOES, R. de. *Um sueco emigra para o nordeste*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1963.

GURAN, M. A fotografia eficiente e as ciências sociais. In: ACHUTTI, R. L. E. (org.) *Ensaio sobre o Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, p. 87-99, 1998.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, (2ª ed. rev.), 2001.

MAGNANI, J. G.; TORRES, L. L. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp, 1996.

MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008

MENEZES, M. A. de. *Historia Oral: uma metodologia para o estudo da memória*. In. CAVIGNAN, J. A (Org.). *Vivência*. Natal: UFRN, n 28, 2005.

PANET, A.; MELLO, J. O. A.; PANET, M.; GUNN, P.; CORREIA, T. B. *Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano*. João Pessoa: UNIPÊ, 2002.

PERULLI, P. *Visões da cidade: as formas do mundo espacial*. São Paulo: SENAC, 2012.

PEREIRA, L. M. L. *Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial*. Belo Horizonte, vol. 6. n° 3, 1991.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, vol. 2, n.2 , 1989.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992.

QUEIROZ, M. I. P. *Relatos orais: do indizível ao dizível*. In SIMSON, O. M.(Org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

ROUILLÉ, A. *A modernidade fotográfica*. In: (Org.). *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009, p. 29-60, 2009.

SCHERER, J. *Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica*. Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, PPCIS/UERJ/NAI, p. 69-83, 1996.

SIMSON, O. R. M. V. *Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: Reflexões de Pesquisa*. Campinas: UNICAMP, 1991.

SOTILO, C. P. *Fotografia, memória e cultura: atualização no processo comunicativo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Brasília, 2006.

THOMAS, W. I; ZNANIECKI, F. *The polish peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group*. v. I. Primary group organization. Boston: Richard G. Badger; The Gorhan Press, 1918.

TREBITSCH, M. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: MRAES, M. (Org). *História oral*. Rio de Janeiro: Diadorim: FINEP, p. 19-43. 1994.

VALE, E. C. *Tecendo fios, fazendo história: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964)*. Campina, 2008.